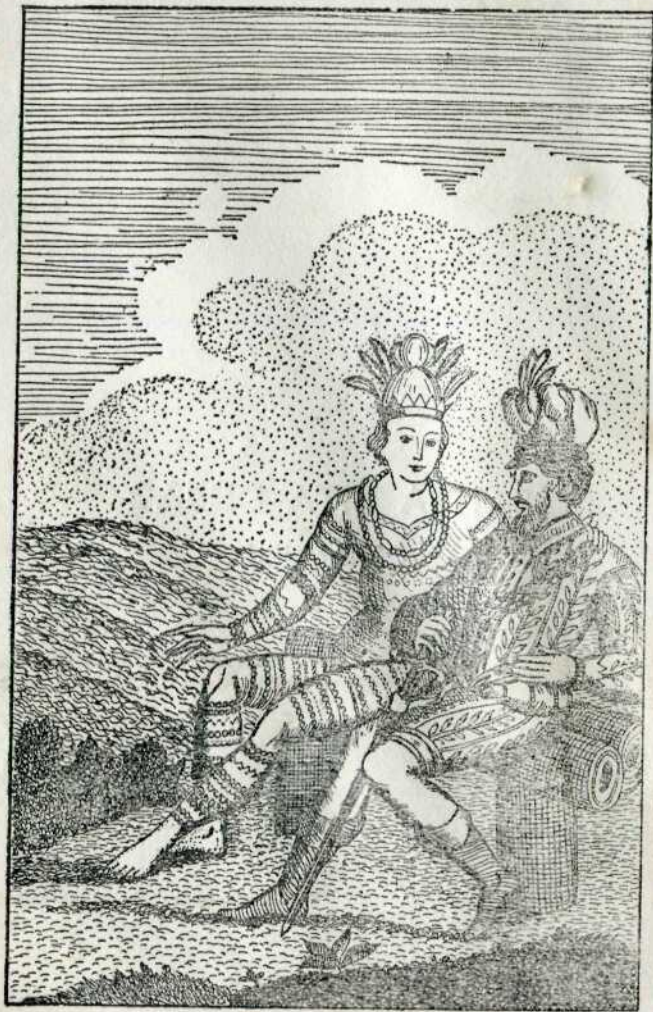


3

18

SANTA RITA DURÃO  
CARAMURU

Este volume é patrimônio  
do Instituto Nacional do Livro  
Destina-se exclusivamente  
às Bibliotecas



CARAMURU e PARAGUACU  
Gravura publicada na 2.<sup>a</sup> edição de CARAMURU, em 1836.

NOSSOS CLÁSSICOS

Publicados sob a direção de

Alceu Amoroso Lima

e  
Roberto Alvim Corrêa

13

# SANTA RITA DURÃO

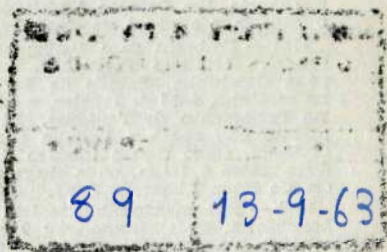
## CARAMURU

Poema épico do descobrimento da Bahia

por

Hernâni Cidade

928.6913  
C12594  
U



1957

*Livraria* AGIR *Editôra*

RIO DE JANEIRO

## DADOS BIOGRÁFICOS

1722 — Nasce em Cata-Preta, arraial de N. S. de Nazaré do Infecionado, a quatro léguas de Mariana, Minas Gerais, José de Santa Rita Durão.

1731 — Depois de ter feito, no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, os seus estudos secundários, parte para Portugal.

1737 — Entra para a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, onde professa em 12 de outubro do mesmo ano, no Convento da Graça, em Lisboa. É pouco depois mandado para Coimbra, a formar-se em Teologia, recebendo a seguir as ordens de presbítero. Professa esta disciplina em Braga, onde estancela cinco anos.

1754 — É chamado para lente de Teologia em Coimbra, no Colégio da sua Ordem.

1757 — Defende conclusões magnas no Capítulo da Ordem.

1758 — Vai a Leiria, onde trava relações com o Bispo D. João Cosme da Cunha, futuro Cardeal da Cunha.

1759 — 9 de fevereiro: Prega naquela cidade famoso sermão contra a Companhia de Jesus, responsabilizando-a pelo atentado contra D. José, ocorrido em 3 de setembro do ano anterior. Naquela mesmo ano, redige ao prelado a pastoral que com doutrina igual este publicou, no Intuito de conov.lstar as simpatias do Conde de Oelras, futuro Marquês de Pombal, que previamente conheceu o documento. São igualmente de Durão as cartas com que o Bispo adula o Primeiro Ministro, ao enviar-lhe a pastoral e ao protestar contra a Inquisição espanhola, que mandara queimar pelo algoz certos escritos atribuídos a Sebastião de Carvalho.

1761 — Rompe com o prelado leirense. Arrepende-se da sua atitude contra os Jesuítas. Foge de Portugal.

1762 — 6 de janeiro: Chega a Ciudad Rodrigo. Segue depois para Saragoça. Ao passar por Vlerbo, a caminho de Roma, recebe ordem do Geral para voltar à Espanha, obedecendo com repugnância. Em Corneto é visitado pelo Bispo de Monteflasco, que o consola e o provê de dinheiro.

1763 — Embarca para Cadiz; mas, julgando-se perseguido pelo Primeiro Ministro Português, entra em Franca, atravessando a pé a Catalunha. Saindo de Perplnhão para Mompilher, é preso no caminho, a 26 de Janeiro, e submetido a rigoroso interrogatório no Parlamento de Toulouse. É detido em prisão benigna, enquanto não chega a Paris a decisão a seu respeito do Ministro Choiseul, como Oelras Inimigo dos Jesuítas. Obtido o salvo-conduto, passa à Itália, onde chega a 21 de agosto, consegue audiência do Papa Clemente XIII.

1764 — É nomeado bibliotecário da Biblioteca e Livraria pública Lancislana, onde permaneceu 9 anos. Escreve ao Bispo Cenáculo, criatura do Primeiro Ministro, pedindo-lhe obtenha deste uma das cátedras que a extinção dos Jesuítas deixava vaga.

1771 — Regressa a Portugal, conquista uma cátedra de Teologia, na respectiva Faculdade, em Coimbra.

1781 — É publicado o Caramuru.

1784 — 24 de Janeiro: Falece o poeta, jazendo sepultado na Igreja do Hospício do Coleglnho, em Alfama, para onde de Coimbra havia sido transferido.

## APRESENTAÇÃO

*SITUAÇÃO HISTÓRICA* — Vivendo de 1722 a 1784, Fr. José de Santa Rita Durão foi contemporâneo de acontecimentos e ideologias que iriam dentro de pouco transformar o mundo. As guerras em que a França andou envolvida — a da sucessão da Polónia (1732-1735), a da sucessão da Áustria, terminada pela paz de Aix-la-Chapelle (em 1748), e a dos Sete Anos (1756-1763), a que Portugal também não pôde fugir — cavaram a ruína financeira e económica das grandes monarquias europeias, o que, agravado com os escândalos das cortes, generalizou e aprofundou um descontentamento favorável à fecundação de ideias e sentimentos revolucionários.

Com a Monarquia absoluta, a Fé católica não podia deixar de sair diminuída de prestígio das polémicas aguerridas dos seus teólogos. De um e outro descrédito resultava o gradual acatamento e admiração pelas instituições políticas da Inglaterra, como pelas audácias heterodoxas de sua literatura e filosofia, como pelos progressos assombrosos das ciências.

Não faltavam, porém, à Inglaterra, graves problemas e fracassos. Tentando refazer-se do descalabro financeiro da guerra dos Sete Anos, em que se batera contra a França e a Espanha, não sem utilização dos portos e forçada quebra da neutralidade de Portugal, tão resadadamente tributou a sua grande colónia americana, que ela se revoltou e proclamou em 1776 a sua independência, organizada na República dos Estados Unidos da América.

Este país, no Novo Mundo, com o exemplo incitante da sua autonomia e das virtudes do seu regime; no Velho Mundo, a própria Inglaterra, com sua liberdade na política como no pensamento; a França da Enciclopédia, que dela exaltava as modelares instituições e difundia a filosofia heterodoxa; a Itália do Iluminismo a Holanda, refúgio de todos os inconformistas perseguidos — eis os focos do geral incêndio em que, pouco

depois da morte de Santa Rita Durão, começariam a ser subvertidos princípios, instituições e normas da vida individual como coletiva.

A tradição teve a *reação* inteligente do *despotismo esclarecido* (o *Josefismo*, do imperador austríaco José II). Por êle procurava o absolutismo manter-se. Penetrado das *luzes* do século, favorecia os novos valores — as ciências e as letras, as artes e também as *técnicas*, que apressavam o desenvolvimento da indústria e do comércio, com a consequente reabilitação do trabalho, produtor de riqueza, assim como o fortalecimento da burguesia, a classe social mais empenhada nas atividades práticas e de que saíam os homens de ciência e letras que a estes novos valores criavam ambiente e lhes facilitavam o surto.

Mas nem apenas a burguesia se alentava para os novos rumos. Rousseau, cuja realeza se efetivava mais ampla e profundamente do que a de José II, proclamava que a Sociedade corrompera o homem, criado pela natureza inocente e bom; cumpria, portanto, *reaproximar* desta, nas medidas do possível, a vida individual e coletiva. Pois não eram mais felizes e mais puros os homens menos dela desviados — os camponês que êle observava nos Alpes suíços ou os próprios selvagens brasileiros, que nos meados do século XVI Thevet e Léry haviam descrito? E eis em circulação pelo mundo da cultura e com crescente influência na legislação dos Estados, a ingénua teoria do *bom selvagem* — o grande mito do século XVIII.

Portugal não se manteve fechado a esta revolução ideológica. Aos contatos com a cultura francesa dos últimos tempos de D. Pedro II, acresciam no tempo de D. João V, os que, embora timidamente, se estabeleciam com a inglesa. O novo monarca não dissipou em igrejas e magnificências suntuosas os rendimentos totais dos quintos do ouro do Brasil: devem-se-lhe as primeiras iniciativas de renovação mental. Envia bolseiros aos países mais cultos e admite os Oratorianos a colaborar, com o seu saber experimental, no ensino secundário, primeiro monopolizado pelos Jesuítas. *Sucede-lhe*, em 1750, seu filho D. José, ou melhor, o Primeiro Ministro deste, Sebastião José de Carvalho e Melo,

depois feito Conde Oeiras (1759) e Marquês de Pombal (1769). Viajado e culto, com vontade de ferro e ósseas durezas no coração, pretendeu imprimir à vida portuguesa os rumos que o *despotismo esclarecido* exemplificava na Áustria, onde estancara como diplomata, e que a Inglaterra, onde também estivera numa enviatura, mais eficientemente imprimia à sua recuperação e engrandecimento económicos. Pela criação de indústrias novas, pela estimulação do comércio (criou a primeira Aula de Comércio na Europa) e pela criação de companhias privilegiadas de Comércio e Navegação, ligando Metrópole e Províncias Ultramarinas, tenta prover do necessário um país que quase tudo importava, criando assim a classe média industrial e comercial que lhe faltava. Outras iniciativas com tudo isso mais ou menos relacionadas, foram a abolição das distinções entre cristãos velhos e cristãos novos, os últimos dos quais podiam, sem receio e com incentivos iguais, contribuir para o progresso económico; a abolição da escravatura no Reino e a libertação dos índios no Brasil — libertação quanto a senhores e quanto às missões a que estavam sujeitos.

Como era de prever, tais providências, assim como, nos domínios da cultura, as que constituíram a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772 — rasgada iniciativa que procurou abrir, na antiquada e fechada instituição, amplas janelas aos ares fecundantes que sopravam dos países de mais avançado progresso científico — nem foram realizadas em calma convergência das forças nacionais, nem pelos processos e com a largueza de vistas que melhor lhes podiam garantir perdurável eficiência. O Ministro teve, logo de princípio, contra si a Nobreza, e, no Brasil ainda mais do que na Metrópole — assim pelo menos o acreditava — os Jesuítas. Estes haviam organizado, com os indígenas do Paraguai, uma vasta república comunista e teocrática, de dócil obediência a chefes religiosos, políticos e militares que a roupeta vestia de autoridade sagrada. Aos Inacianos se atribuía a resistência a aceitar a soberania portuguesa dos ameríndios das suas *reduções* espanholas, que com o país vizinho se pactuara fossem incorporadas nos domínios portugueses, em troca da

cedência da colônia do Sacramento. O acontecimento é assunto do poema de Basílio da Gama — *Uruguai* (1769).

O atentado contra D. José, em 3 de setembro de 1758, deu ao Primeiro Ministro o ensejo de abater e aterrar os nobres, pela desumaníssima e horrorosa execução dos réus, e também de expulsar os Padres da Companhia, pela suspeita, confirmada pelas declarações que os tormentos arrancavam aos nobres inculpadados, da conivência inaciana na urdidura do atentado. Mais tarde, em 1773, conseguiu Pombal, em convergência com os ministros Aranda, espanhol, Choiseul, francês, e Tanucci, napolitano, a supressão da Companhia pelo Papa Clemente XIV. Quanto à Inquisição — a terrível *Fortaleza do Rossio* — essa foi submetida à legislação dos tribunais régios, e, para mais a pôr ao seu serviço, nomeou o próprio irmão Inquisidor Geral.

Estes triunfos contra quem pretendia cercar-lhe o poder, facilitava-lhos, além do conjunto realmente superior das suas capacidades, o prestígio ganho por sua ação 110 terremoto que em 1-11-1755 assolou Lisboa. Em meio dos escombros e sob a ameaça dos desmoronamentos, na extinção dos incêndios, na remoção dos entulhos e na repressão dos crimes que a desorganização de toda a disciplina facilitava, Sebastião de Carvalho não dormia, não comia, nem tinha abrigo de não fosse a sua carruagem; era a única força humana em lúcida serenidade, a debater-se contra as violências cegas da Natureza. A admiração do Rei gerou a onipotência do Ministro. Infelizmente, exorbitou ela em crueldades, como nunca se haviam praticado, e é preciso dizer que as não compensou com a eficácia das providências governativas, em grande parte mais espetaculares do que bem logradas.

*ESTUDO CRÍTICO* — Na luta entre o Primeiro Ministro e a Companhia de Jesus, cujo discípulo Fr. José havia sido, no Rio de Janeiro, a atitude do graciano não revelou grande firmeza de ânimo, segundo o podemos ver no esquema biográfico anterior. Teria êle sido levado à inconstância, não tanto por fraqueza

ingênita do ânimo, como por inevitável oscilação do espírito, entre uma cultura a que o ligavam as saudades da juventude, e aquela para que Pombal abria caminho, através das contumazes resistências da tradição pedagógica inaciana? Quando pede ao Bispo Cenáculo uma cadeira das que haviam vagado pela saída dos padres da Companhia, apenas o preocupa o regresso do exílio à Pátria e, nesta, situação que lhe garantisse a subsistência? Quem sabe? Talvez lhe não fosse estranho, se não o empenho, ao menos o compromisso em colaborar no ensino como êle veria com admiração praticar-se na Itália iluminista, de onde Luís Antônio Verney mandara as cartas revolucionárias do seu *Verdadeiro Método de Estudar* — e cujo espírito nitidamente se afirma no poema, em que talvez já sonhasse...

Na verdade, o *Caramuru*, mais ainda do que o poema de José Basílio da Gama — *Uruguai* — publicado 12 anos antes, integra-se naquela corrente que vai dar à chamada *poesia filosófica*, já por essa altura com larga voga europeia. Verney fizera a crítica do poema de Camões e severamente lhe apontara, como principal defeito, a ficção mitológica, que, além de atribuir causalidade transcendente a fenômenos da esfera do natural e do humano, era importação de cultura havia muitos séculos superada, e assim alheia à sensibilidade e inteligência do leitor médio. Naturalmente, a severidade do *Barbadinho*, tão mau julgador de poesia pura, não podia deixar de ser repelida pelos verdadeiros poetas; mas a verdade é que interessavam cada vez menos os *esquitosos pensamentos em denegridas nuvens embrulhados*, de que rira Garção, e a pouco a pouco iam surgindo os poemas aderentes à realidade — e a uma realidade vista cada vez de mais perto e com mais rigor de observação científica. Assim, aliás, largamente o exemplificara Camões, dando a Os *Lusíadas*, com seu *honesto estudo de longa experiência misturado*, a riqueza de informação geográfica e histórica, naturalista e antropológica, que o *Século das Luzes* prezava infinitamente mais do que a esgotada e gasta Mitologia.

Este realismo afirma-se em todos os géneros literários da época, já dentro da própria Arcádia. Garção dá-nos, às vezes até ao impudor, a verdade das suas dificuldades domésticas; António Diniz da Cruz e Silva, discípulo da *Universidade Restaurada*, cujos novos métodos exalta em verso, expõe numa écloga todo o seu saber de naturalista amador. A própria paisagem, fauna e flora do Brasil, aonde veio como juiz a julgar os réus da Inconfidência, encontram em seus sonetos e nas páginas das suas *Metamorfoses*, lugar onde largamente, e com novo encanto, se exibem a leitores habituados à ficção mitológica.

Da verdade nasceram ficções lindas,  
Que, sem desfigurá-la, aos vates servem  
Para orná-la dos trajos mais modestos;  
E as Musas, cujos cofres, esgotados  
Pela Grécia, já pobres se julgavam,  
Incógnitos tesouros descobriram.

Assim escreve D. Lepnor de Almeida, futura Marquesa de Alorna, a arcádica *Alcipe*, e todos os poetas do tempo poderiam assinar estes versos, mesmo antes de José Agostinho de Macedo — o ex-graciano que em Coimbra, no convento onde se encontraram, gozava do melhor acolhimento de Pr. José de Santa Eíta Durão —, iniciar a série dos poemas a que ambiciosamente chamou *filosóficos* e onde expõe, com indiscreto exibicionismo de *novo-rico* da cultura, todo o enciclopédico saber de que à pressa a sua sofreguidão se apropriava.

Santa Rita Durão havia estudado na Universidade escolástica, mas professava, desde o seu regresso a Portugal, em 1777, na Universidade Restaurada, que assim se lhe chamava, desde que em 1772 Pombal profundamente *lhe reformara* a estrutura e até lhe transformara as instalações. Abria-se esta agora às ciências da Natureza e a mais atento e objetivo conhecimento do Homem, para o que foram criados todos os órgãos de *observação*, experiência e pesquisa indispensáveis; nos dominós da Teologia, era a positividade das Escrituras, que não as abstratas, vazias congeminções

que sobre elas erguia a delirante fantasia dos velhos *conimbricenses*, o objeto do estudo e o tema das lições. O frade professor e poeta, nos intervalos em que, na cerca do convento, nas margens do ribeiro de Cozellas, e na presença de José Agostinho de Macedo, ditava o seu *Caramuru*, compreende-se que sentisse, não apenas na alma, a excitá-lo, as saudades reavivadas da sua terra de Aquém-dos-mares, mas sobre a imaginação, a moderá-la com as novas disciplinas, ao mesmo tempo que estimulando-a com os novos interesses, a renovada cultura que êle professava. Deste modo as estrofes surgiam túmidas e claras de vario saber, as próprias *ficções lindas*, emergiam da realidade, modeladas de sua mesma substância e da concreta realidade brásilica, selecionada não já somente pelo critério do interesse estético, senão também pelo do interesse científico, sem pôr de parte, pois se trata de obra de teólogo, o interesse proselitico. E eis-nos, assim, em face dum poema que, longe de ser uma construção ideal, que facilite ou promova a *evasão da realidade*, dela constitui essencialmente a ameníssima informação. Assim o preferia o homem culto de Setecentos, interessado por aspectos exóticos e desconhecidos da realidade humana e física, e assim, convergentemente, se empenhava o Autor em expô-la, animado dum sentimento vivo de brasilidade, exacerbado pela distância a que no tempo e no espaço se encontrava da terra natal.

Eis em plena floração, enriquecido, o indianismo apenas esboçado no poema de José Basílio da Gama. Com pictórica pormenorização, os costumes dos indígenas; a história do descobrimento do Brasil e paulatino devassar da sua costa; a descrição das vastas regiões que mais tarde constituiriam os Estados da Federação; a História Natural, com abundante pormenorização de aspectos da fauna e da flora — de tudo o poeta, diretamente ou por intermédio das descrições ou narrativas de Diogo Alvares a Du Plessis ou à Corte parisiense, dá conta ao seu curiosíssimo leitor. No regresso de Paris, é Catarina-Paraguaçu que, depois de mergulhar em misterioso sonho profético — único surto notável do *maravilhoso* do poema — in-

forma da futura história do Brasil. Em tudo a exatidão perfeita do professor da Universidade Restaurada; e em tudo o amor comovido e exaltante do brasileiro saudoso. O próprio sonho é de nítido, minucioso realismo. Nas margens frescas da ribeira de Cozelhas, Fr. José tinha presente, idealizada, a terra natal, mas também muito perto a sua Universidade com os novos métodos e a nova aparelhagem destinados a apreender, em sua verdade objetiva, a esquiva realidade, que muito mais do que a ficção prendia agora as atenções. Pode dizer-se que, filho do seu tempo, o frade-poeta exclui o Transcendente das relações entre o homem e a Natureza. Os fatos e fenómenos são dados em sua verdade natural e humana. Maravilhas apenas as operadas nas almas pela força da virtude — ou pelo mistério do sonho. A perfeita castidade nos heróis — Paraguaçu ou Diogo Álvares — a modelar obediência a uma religião natural vivida pelo silvícola, tal qual a concebida pelo mestre de Teologia; o sonho que permite a Catarina-Paraguaçu a visão, ainda assim tão realista, do futuro Brasil, — eis as concessões que no poema se fazem ao maravilhoso, aliás para o poeta muito mais restrito do que para nós. A sua Teologia facilitava-lhe, mais do que a nós a nossa experiência, considerar como dentro das possibilidades humanas atitudes de pensamento e ação que para nós as ultrapassam.

Perfeita claridade racional, associada ao gosto realístico do concreto. É o encontro e fusão, na última metade do século XVIII, dos últimos clarões do intelectualismo cartesiano e do incipiente sensualismo romântico. Por *sensualismo romântico* se entenda o gosto romântico pelos aspectos do real apreensíveis pelos sentidos e p. comprazimento na sua representação pictórica e plástica, sobretudo pictórica, por uma linguagem que mais diretamente a representa, sem o recurso às expressões estereotipadas da Mitologia. Santa Rita Durão é, sob tal aspecto, um precursor do Romantismo, na mesma medida em que é representante do racionalismo iluminista compatível com a sua formação mental de teólogo. Numa descrição como a da preparação para a cena de antropofagia, no Canto I (estrofe LXXVIII a

XCII) o espetáculo é-nos dado em realismo acre e vivo que rompe de entre a nobreza abstrata da linguagem clássica. Fala-se da *infame ideia*, do *Averno escuro*, do *ofício tão nefando*, dos *funestos sacrifícios*, dos *tartáreos malefícios*, da *miseranda, injusta companhia*; mas este manto nada diáfano da fantasia clássica, é rasgado ao contato das sensações românticas das *prisões de embira* que prendem o paciente no lenho, dos *profundos fossos em que se torram com a carne os ossos*, da *estacada que a numerosa plebe, em torno, borda*, das *plumas onde a côr discorda*, das *feias velhas que aparam o sangue, tinto o corpo de verniz todo amarelo*, fios de dentes ao pescoço, a assinalar a vária diuturnidade no ofício, e o *ranger* comum dos mesmos, aguçados pela fome. Do mesmo poder impressionante a descrição da aldeia indígena (Canto II, LVIII a LXVIII), sua disposição, seus interiores e, em certo momento, para mais viva ser a sensação de presença, uma saudação em língua indígena — *Nair ma apadu*. No decurso destas páginas, bem se vê que ditadas fora da cela e da biblioteca, a cada passo ressoam estrofes que são como primeiras, coloridas concreções de quanta côr e forma se diluía nas generalidades, abstrações, imagens mitológicas da literatura anterior:

Quais ricas, vegetais ametistas,  
As águas de violeta em vária casta,  
O áureo pequiá, em claras vistas,  
Que noutros lenhos por matiz se engasta;  
O vinhático pau, que, quando o avistas,  
Massa de ouro parece, estensa e vasta;  
O duro pau, que ao ferro competira,  
O anjelim, tатаipeva, o suporira.

E as cobras, e o camaleão, e a preguiça; e a cana de açúcar, o tabaco, a mandioca, a *sensitiva*, o *ananás*. . . tudo um *Jardim Botânico* como o da Universidade, um *Jardim Zoológico*, resumidos nestas folhas, que parecem palpar no ar livre da clareira, soltas do bafio do museu de antiguidades, em que amareleciam, em crescente esquecimento, as da *Fênix Renascida*. . .

Depois, o poema é urdido com substância ideológica bem daquele momento histórico-cultural, em que as vir-

tudes da classe feudal começavam a ceder o passo às virtudes burguesas, opostas à truculência guerreira. O herói faz a guerra defensiva que lhe é imposta, e é pela superioridade da cultura, pelo ardor da fé, pela pureza dos costumes, pela irradiante simpatia humana, mais do que pelas façanhas que a posse exclusiva do arcabuz lhe facilita, que vai conquistando uma posição, de que a lealdade de vassalo lhe impõe a renúncia. Herói como o podia conceber o iluminista mitigado, que o convento educara, mas não desconhecia os filósofos. Escreve esta significativa estrofe:

Quanto merece mais que, em doura lira,  
Se cante por herói, quem, pio e justo,  
Onde a cega nação tanto delira,  
Reduz à humanidade um povo injusto?  
Se por herói no mundo só se admira,  
Quem tirano ganhava um nome augusto,  
Quanto será maior que o vil tirano,  
Quem nas feras infunde um peito humano?

(Canto II, XLIX)

E', como se sabe, o conceito do herói expresso, entre outros, por Tomás António Gonzaga na Composição — *Alexandre, Marília, qual o rio...*

Esta adesão à realidade física e moral não parece teria sido difícil a um poeta, cuja imaginação não deveu às fadas envergadura, para vôos em perigosas alturas e por vias não costumadas. Nem na estrutura geral do poema, nem na intensificação expressiva ou cuidados decorativos da frase, a sua fantasia ultrapassa altitudes médias. Chegam os dedos das mãos para contar as imagens, comparações, símbolos e qualquer processo de transposição metafórica na linguagem do poema; e a estrutura deste é a clássica, através d'Os *Lusíadas*. Do episódio da aventura dum naufrago entre antropófagos, de apetite naturalmente excitado pelo desconhecido sabor que teria a sua carne branca, desdobra êle o seu poema de 10 cantos e 7 914 estrofes, rasgando-lhe, pelos consabidos processos, além de perspectivas no espaço, as que no tempo evocam o passado histórico ou anunciam o futuro nacional. Mas tudo isso se insere no desdobramento lógico do poema, sem lhe perturbar a uni-

dade. Seguimo-lo com o interesse despertado pela nova substância de verdade histórica, geográfica ou etnográfica, e não sem que tenhamos, aqui e além, na beleza de um ou outro trecho, o prêmio da atenção curiosa.

Tôda esta matéria flui num verso relativamente fácil, quase sempre elegante, frequentemente harmonioso, que se organiza em estrofes de construção regularíssima. O autor ajusta a estrutura da frase sem dificuldade ao recorte do verso, evitando encavalgamentos e hipérbatos, que é sabido só raramente, e em grandes artistas, contribuírem para a expressividade poética. É notável ainda que sejam elas quase sempre divisíveis em duas quadras por pontuação de pausa mais prolongada. Não fora embalde que os poetas de Seiscentos longamente haviam curado mais da forma do que da substância, para se obter êste perfeito domínio da língua e do metro.



# ANTOLOGIA

---

---

## CANTO I

### I

De um varão em mil casos agitado,  
Que as praias decorrendo do Ocidente,  
Descobriu o recôncavo afamado  
Da capital brasílica potente;  
De *Filho do Trovão* denominado,  
Que o peito domar soube à fera gente,  
O valor cantarei na adversa sorte,  
Pois só conheço herói quem nela é forte.

### II

Santo Esplendor que do Grão Padre manas  
Ao seio intacto de uma Virgem bela,  
Se da enchente de luzes soberanas  
Tudo dispensas pela Mãe donzela;  
(Rompendo as sombras de ilusões humanas,  
Tudo — grão caso! — a pura luz revela)<sup>1</sup>  
Faze que em ti comece e em ti conclua  
Esta grande obra, que por fim foi tua.

1. Creio que os dois versos que ponho entre parênteses são incisos; Interrompem a invocação do poema, com a observação de que, apesar das ilusões humanas, tudo revela (grão caso!) que é a virgindade de Maria, antes e depois do parto. Também Poderia ser, admitindo uma rima Imperfeita — que seria a única no poema: Tu do grão caso a pura luz revelas.

## III

E vós, Príncipe excelso, do Céu dado<sup>2</sup>  
 Para base imortal do luso trono;  
 Vós que do áureo Brasil no principado  
 Da real sucessão sois alto abono;  
 Enquanto o império tendes descansado  
 Sobre o seio da paz com doce sono,  
 Não queirais de dignar-vos no meu metro  
 De pôr os olhos e admiti-lo ao cetro.

## IV

Nêle vereis nações desconhecidas,  
 Que em meio dos sertões a Fé não doma  
 E que puderam ser-vos convertidas  
 — Maior império que houve em Grécia ou Roma!  
 Gentes vereis e terras escondidas,  
 Onde se um raio da verdade assoma,  
 Amansando-as, tereis na turba imensa,  
 Outro reino maior que a Europa extensa.

## V

Devora-se a infeliz, mísera gente;  
 E, sempre reduzida a menos terra,  
 Virá tôda a extinguir-se, infelizmente,  
 Sendo, em campo menor, maior a guerra.  
 Olhai, Senhor, com reflexão clemente  
 Para tantos mortais que a brenha encerra,  
 E que, livrando desse abismo fundo,  
 Vireis a ser monarca de outro mundo.

2. O Príncipe Invocado é D. José, filho de D. Maria I e D. Pedro III (1761-1788).

## VI

Príncipe, do Brasil futuro dono,  
 À mãe da Pátria, que administra o mando,  
 Ponde, excelso Senhor, aos pés do trono  
 As desgraças do povo miserando;  
 Para tanta esperança é o justo abono  
 Vosso título e nome, que invocando,  
 Chamará, como a outro o egípcio povo,  
 D. José salvador de um mundo novo.

## VII

Nem podereis temer que ao santo intento  
 Não se nutram heróis no luso povo,  
 Que o antigo Portugal vos apresento  
 No Brasil renascido, como em novo.  
 Vereis do domador do Índico assento  
 Nas guerras do Brasil alto renovo,  
 E que os seguem nas bélicas ideias  
 Os Vieiras, Barretos e os Correias.<sup>3</sup>

## VIII

Dai, portanto, Senhor, potente impulso,  
 Com que possa entoar, sonoro o metro,  
 Da brasílica gente o invicto pulso,  
 Que aumenta tanto império ao vosso cetro.

3. Refere-se o A. a João Fernandes Vieira e General Francisco Barreto de Meneses, que se distinguiram na expulsão dos holandeses de Pernambuco; e Manuel Alves Correia, que tomou parte na defesa da colônia do Sacramento contra os sitiantes fiska, nlió18.

E enquanto o povo do Brasil convulso <sup>4</sup>  
 Em nova lira canto, em novo plectro,  
 Fazei que fidelíssimo se veja  
 O vosso trono em propagar-se a Igreja.

## IX

Da nova Lusitânia o vasto espaço  
 Ia a povoar Diogo, a quem, bisonho,  
 Chama o Brasil, temendo o forte braço,  
 Horrível filho do trovão medonho;  
 Quando do abismo, por cortar-lhe o passo,  
 Essa fúria saiu, como suponho,  
 A quem do Inferno o Paganismo aluno, <sup>5</sup>  
 Dando o Império das águas, fêz Netuno.

## X

O grão tridente, com que o mar comove,  
 Cravou dos Órgãos na montanha horrenda  
 E na escura caverna, adonde }ove  
 (Outro espírito) espalha a luz tremenda,  
 Relâmpagos mil faz, coriscos chove;  
 Bate-se o vento em hórrida contenda,  
 Arde o céu, zune o ar, treme a montanha  
 E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

4. O epíteto convulso — lembra-o uma nota da edição de 1378 — é dado por Isafas num passo que se creu aludir aos americanos.

5. Foi o Paganismo, doutrinado pelo Inferno (aluno dêle), que atribuiu o império das águas a Netuno, o símbolo de cuja realza era o grão tridente, a que se alude na estrofe seguinte, e a Jove ou Júpiter, o domínio dos ares, onde êle tropeja, pelo que se lhe chama o Tonante.

## XI

O Filho do Trovão, que em baixel ia,  
 Por passadas tormentas, ruinoso,  
 Vê que do grosso mar na travessia  
 Se sorve o lenho pelo pego undoso.  
 Bem que constante, a morte não temia;  
 Invoca no perigo o Céu piedoso,  
 Ao ver que a fúria horrível da procela  
 Rompe a nau, quebra o leme e arranca a vela.

## XII

Lança-se ao fogo o ignívomo instrumento,  
 Todo o pêso se alija; o passageiro,  
 Para nadar no túnido elemento,  
 A tábua abraça, que encontrou primeiro;  
 Quem se arroja no mar, temendo o vento,  
 Qual se fia a um batel, quem a um madeiro,  
 Até que sobre a penha, que a embaraça,  
 A quilha bate e a nau se despedaça.

## XIII

Sete somente do batel perdido  
 Vêm à praia cruel, lutando a nado;  
 Oferece-lhes socorro fementido  
 Bárbara multidão, que acode ao brado;  
 E ao ver na praia o benfeitor fingido,  
 Rende-lhe as mãos o naufrago, enganado.  
 Tristes! que a ver algum qual fim o espera  
 Com quanta sêde a morte não bebera!

## XIV

Já estava em terra o infausto naufragante,  
Rodeado da turba americana;  
Vêm-se com pasmo, ao porem-se diante,  
E uns aos outros não crêem da espécie humana;  
Os cabelos, a côr, barba e semblante  
Faziam crer àquela gente insana  
Que alguma espécie de animal seria,  
Desses que no seu seio o mar trazia.

## XV

Algun, chegando aos míseros, que à areia  
O mar arroja extintos, nota o vulto;  
Ora o tenta despir e ora receia,  
Não seja astúcia, com que o assalte, oculto.  
Outros, do jacaré tomando a ideia,  
Temem que acorde com violento insulto  
Ou que o sono fingindo, os arrebate  
E entre as presas cruéis no fundo os mate.

## XVI

Mas, vendo a *Sancho*, um naufrago que expira,  
Rôta a cabeça numa penha aguda,  
Que ia trémulo a erguer-se e que caíra,  
Que com voz lastimosa implora ajuda;  
E vendo os olhos, que êle em branco vira,  
Cadavérica a face, a bôca muda,  
Pela experiência da comua sorte,  
Reconhecem também que aquilo é morte.

## XVII

Correm, depois de crê-lo, ao pasto horrendo;  
E, retalhando o corpo em mil pedaços,  
Vai cada um, famélico, trazendo,  
Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços:  
Outros na crua carne iam comendo,  
Tanto na infame gula eram devassos.  
Tais há que as assam nos ardentes fossos;  
Alguns torrando estão na chama os ossos.

## XVIII

Que horror da humanidade ver tragada  
Da própria espécie a carne já corrupta  
Quanto não deve a Europa abençoada  
À Fé do Redentor, que humilde escuta?  
Não era aquela infâmia praticada  
Só dessa gente miseranda e bruta:  
Roma e Cartago o sabe no noturno,  
Horível sacrifício de Saturno. <sup>6</sup>

## XIX

Os sete, entanto, que do mar com vida  
Chegaram a tocar na infame areia,  
Pasmam de ver na turba, recrescida,  
A brutal catadura, hórrida e feia;  
A côr vermelha em si mostram tingida

6. Saturno — "Os antigos italianos foram, como se colige de Homero, antropófagos; tais eram os lestrigões e os laparifanos. Os fenícios e os cartagineses usaram vítimas humanas, e Roma própria nos seus maiores apertos. São espécies vulgares na história." (Nota da ed. de 1878.)

De outra côr diferente, que os afeia;  
Pedras e paus de embiras enfiados,<sup>7</sup>  
Que na face e nariz trazem furados.

## XX

Na bôca, em carne humana ensanguentada,  
Anda o beijo inferior todo caído,  
Porque a têm tôda em roda esburacada,  
E o labro de vis pedras embutido;  
Os dentes (que é beleza que lhe agrada)  
Um sobre outro despona, recrescido;  
Nem se lhe vê nascer na barba o pêlo,  
Chata a cara e nariz, rijo o cabelo.

## XXI

Vê-se no sexo recatado o pejo,  
Sem mais do que a antiga gala que Eva usava,  
Quando, por pena de um voraz desejo,  
Da feia desnudez se envergonhava;  
Vão sem pudor, com bárbaro despejo,  
Os homens, como Adão sem culpa andava;  
Mas vê-se, alma Natura, o que lhe ordenas,  
Porque no sacrifício usam de penas.<sup>8</sup>

## XXII

Qual das belas araras traz vistosas,  
Louras, brancas, purpúreas, verdes plumas;

7. Embiras — "Espécie de cordão feito da casca interior de algumas árvores." (Nota da ed. de 1878.)

8. O poeta explica, por influência da moral natural, que crê reminiscência da transmitida por Adão aos seus descendentes, o pudor que se assinala pelas penas com que os indígenas occultam as partes pudendas ao celebrar os sacrificios. Mas ilude-se. Nem há sacrifício, nem as penas lhes servem para outro efeito que não seja ornamento festivo.

Outros põem, como túnicas lustrosas,  
Um verniz de balsâmicas escumas.  
Nem temem nêle as chuvas procelosas,  
Nem o frio rigor de ásperas brumas;  
Nem se receiam do mordaz besouro,  
Qual anta ou qual tatu dentro em seu couro.<sup>9</sup>

## XXIII

Por armas — frechas, arcos, pedras, bestas —,  
A espada do pau ferro; e por escudo,  
As redes de algodão nada molestas,  
Onde a ponta se embace ao dardo agudo;  
Por capacete, nas guerreiras testas,  
Cintos de penas com galhardo estudo;  
Mas o vulgo, no bélico ameaço,  
Não tem mais do que unha ou dente, ou punho ou  
braço.

## XXIV

Desta arte armada, a multidão confusa  
Investe o naufragante enfraquecido,  
Que, ao ver-se despojar, nada recusa,  
Porque se enxugue o mádido vestido;  
Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,  
Quando a bárbara gente o vê rendido  
Trouxeram-lhe a batata, o côco, o inhame;  
Mas o que crêem piedade c gula infame.

9. Tatu — "Espécie de animal, coberto de uma concha duríssima e impenetrável. Os selvagens tingem-se com várias resinas, senão com o fim, ao menos com o efeito de os livrar das mordeduras dos insetos; ainda que alguns se tinjam com ervas inúteis para esse uso." (Nota da ed. de 1878.)

## XXV

Cevavam desta forma os desditosos,  
 Das fadigas marítimas desfeitos,  
 Por pingues ter os pastos horrorosos,  
 Sendo nas carnes míseras refeitos.  
 Feras! mas feras não, que mais monstruosos  
 São da nossa alma os bárbaros efeitos,  
 E em corrupta razão mais furor cabe,  
 Que tanto um bruto imaginar não sabe.

## XXVI

Não mui longe do mar, na penha dura,  
 A bôca está de um antro mal aberta,  
 Que, horrível dentro, pela sombra escura,  
 Tôda é fora de ramas encoberta.  
 Ali com guarda à vista se clausura  
 A infeliz companhia, estando alerta;  
 E por cevá-los mais, dão-lhe o recreio  
 De ir pela praia em plácido passeio.

## XXVII

Diogo então, que à gente miseranda,  
 Por ser de nobre sangue, precedia,  
 Vendo que nada entende a turba infanda,  
 Nem de férreo mosquete usar sabia;  
 Da rôta nau, que se descobre à banda,  
 Pólvora e bala em cópia recolhia;  
 E como enfermo, que no passo tarda,  
 Serviu-se por bastão de uma espingarda.

## XXVIII

Forte, sim, mas de têmpera delicada,  
 Aguda febre traz desde a tormenta;  
 Pálido o rosto e a côr tôda mudada,  
 A carne sobre os ossos macilenta.  
 Mas foi-lhe aquela doença afortunada,  
 Porque a gente cruel guardá-lo intenta,  
 Até que, sendo a si restituído,  
 Como os mais vão comer, seja comido.

## XXIX

Barbaria foi (se crê) da antiga idade  
 A própria prole devorar nascida,  
 Desde que essa cruel voracidade  
 Fôra ao velho Saturno atribuída;  
 Fingimento por fim, mas é, em verdade,  
 Invenção do diabólico homicida,  
 Que uns cá se matam, e outros lá se comem:  
 Tanto aborrece aquela fúria ao homem.

## XXX

Mas já três vezes tinha a Lua enchido  
 Do vasto globo o luminoso aspecto,  
 Quando o chefe dos bárbaros temido  
 Fulmina contra os seis o atroz decreto.  
 Ordena que no altar seja oferecido  
 O brutal sacrifício em sangue infecto,<sup>10</sup>

10. Sacrifício — "É certo que os brasileiros não tinham forma alguma expressa de sacrifício; mas a solene função e ritos com que matavam os seus prisioneiros, parece com razão ao Pe. Simão de Vasconcelos, na sua História do Brasil, que eram um

Sendo a cabeça às vítimas quebrada  
E a gula infanda de os comer saciada.

## XXXI

Em tanto que se ordena a brutal festa,  
Nada sabiam na marinha gruta  
Os habitantes da prisão funesta,  
Que, ardilosa, lho esconde a gente bruta;  
E enquanto a feral pompa já se apresta,  
Toda a pena em favor se lhe comuta.  
Nem parecem ter dado a menor ordem,  
Senão que comam e, comendo, engordem.

## XXXII

Mimosas carnes mandam, doces frutos —  
O araçá, o caju, côco e mangaba;  
Do bom maracujá lhe encham as grutas,  
Sobre rimas e rimas de goiaba;  
Vazilhas põem de vinho nunca enxutas,  
E a imunda catimpoeira, que da baba <sup>11</sup>  
Fazer costuma a bárbara patrulha,  
Que só de ouvi-lo o estômago se embrulha.

vestígio dos antigos sacrifícios, usados dos Fenícios, de que acima falamos em outra nota." (Nota da ed. de 1878.) Foi moda, no tempo de Simão de Vasconcelos, considerar os fenícios como tendo atingido as costas brasileiras e influído na civilização indígena, cujos aspectos hoje se explicam sem qualquer intervenção de influências estranhas, antes do descobrimento de Cabral.

11. Vinho — "Vêm da América debaixo deste nome vários extratos de caju, côco e de outros frutos conhecidos, que podem competir com os nossos vinhos. Catimpoeira — Imunda bebida dos selvagens, que, mastigando o milho, fazem da saliva, e do suco mesmo do grão uma potagem abominável." Nota da ed. de 1878.)

Desta estrofe até LXXIV, inclusive, insere o poema, cantado por Fernando, um dos náufragos, ao som de cítara, a lenda da misteriosa estátua profética, que, no ponto mais alto da ilha açoriana do Corvo, constava ter sido encontrada a apontar para o Brasil. Um santo varão, arrebatado por um anjo, é levado pelo ar a terras brasileiras e posto junto dum selvagem moribundo. Para lhe salvar a alma, prega-lhe o Catecismo e ouve dêle os conceitos religiosos e morais a que, por luz natural, êle havia sabido erguer-se. O moribundo morre, batizado, e o seu corpo é, com o do apóstolo, arrebatado ao cume da ilha do Corvo, onde logo se petrifica e se ergue em estátua, a indicar a futuros missionários o caminho das novas tarefas a cumprir.

A narrativa distrai os prisioneiros, ao ponto de em breve romperem em riso, perante o ridículo dum selvagem tentando tocar a cítara e agitando-se em dança, aos sons descompassados que dela arranca. É Diogo Alvares, o futuro *Caramuru*, que os chama à consciência da situação, de que logo prossegue a narrativa:

## LXXV

fá numerosa turba as praias vinha  
E os seis levam ao corro miserando,  
Onde a plebe cruel formada tinha  
A pompa do espetáculo execrando;  
E mal a gente bruta se continha,  
Que, enquanto as tristes mãos lhe vão ligando,  
No humano corpo, pelo susto exangue,  
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

## LXXVI

Qual, se da Líbia pelo campo estende  
 O mouro caçador um leão vasto,  
 Em longa nuvem devorá-lo emprende  
 O sagaz corvo, sempre atento ao pasto;  
 Negro parece o chão; negra, onde pende  
 A planta, em que do sangue implora o rasto;  
 Até que avista a presa e em chusma voa,  
 Nem deixa parte, que voraz não roa:

## LXXVII

Tal do caboclo foi a fúria infanda;  
 E o fanatismo, que na mente o cega,  
 Faz que tendo esta ação por veneranda,  
 Invoque o grão Tupá, que o raio emprega.  
 No meio vê-se que em mil voltas anda  
 O eleito matador, como quem prega  
 A brados, exortando o povo insano  
 A ensopar tôda a mão no sangue humano.

## LXXVIII

À roda, à roda! — A multidão fremente  
 Com gritos correspondente à infame ideia;  
 Enquanto o fero, em gesto de valente,  
 Bate o pé, fere o ar e um pau maneia.  
 Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente  
 Entre prisões de embira se encadeia;  
 Fogo se acende nos profundos fossos,  
 Em que se torrem com a carne os ossos.

## LXXIX

Dentro de uma estacada extensa e vasta,  
 Que a numerosa plebe em torno borda,  
 Entram os principais de cada casta,  
 Com belas plumas, onde a côr discorda;  
 Outros, que a grenha têm com feral pasta  
 Do sangue humano, que ao matar transborda.  
 Os nigromantes são, que em vão conjuro,  
 Chamam as sombras desde o Averno escuro.

## LXXX

Companheiras de ofício tão nefando,  
 Seguem de um cabo a turba e, de outro cabo,  
 Seis torpíssimas velhas, aparando  
 O sangue, sem um leve menoscabo.  
 Tão feias são, que a face está pintando  
 A imagem propriíssima do Diabo;  
 Tinto o corpo em verniz todo amarelo,  
 Rosto tal, que a Medusa o faz ter belo. <sup>12</sup>

## LXXXI

Têm no colo as cruéis sacerdotisas,  
 Por conta dos funestos sacrifícios,  
 Fios de dentes, que lhe são divisas  
 De mais ou menos tempo em tais ofícios.  
 Gratas ao céu se crêem, de que indivisas  
 Se inculcam por tartários malefícios

12. Medusa — É mulher mitológica a quem, sendo a princípio de extremada beleza, Minerva, por ela ofendida, transformou a cabeleira era serpentes, dando-lhe a ag. olhos o poder de transformar em pedras os que olhava.



E em testemunho do mister nefando,  
Nos seus cocos com facas vêm tocando.

## LXXXII

Quem pode reputar que dor trespassa  
A miseranda, infausta companhia,  
Vendo tais feras rodear a praça,  
Que o sangue com os olhos lhe bebia?  
Ver que os dentes lhe range por negaça,  
Senão é que os agita a fome ímpia,  
E dizer lá consigo: "Em poucas horas  
Sou pasto destas feras tragadoras."

## LXXXIII

Mas põe-lhe a vista o Padre Onipotente,  
Da desgraça cruel compadecido,  
E envia um anjo desde o Céu clemente,  
Que deixe tanto horror desvanecido  
E faça que o espetáculo presente  
Venha por fim a ser sonho fingido;  
Que quem recorre ao Céu no mal que geme,  
Logo que teme a Deus, nada mais teme.

## LXXXIV

Seis então dos infames Nigromantes  
Lançaram mão das vítimas pacientes,  
E a seis lenhos fatais, que ergueram d'antes,  
Atam cruéis as mãos dos inocentes:  
Postos no Céu os olhos lagrimantes,  
Com lembrar-se das penas veementes

Que sofreu Deus na cruz, nêle fiados  
Pediam-lhe o perdão dos seus pecados.

## LXXXV

Fernando ali, que em discrição precede,  
Com voz sonora a companhia anima;  
Cheio de viva fé, socorro pede;  
E, quando a dor permite que se exprima:  
— "Grão Senhor (diz) de quem tudo procede  
A glória, a pena, a confusão e a estima,  
Que justo das graças e os castigos,  
Na dor alívio, amparo nos perigos;

## LXXXVI

Vida não peço aqui, morte não temo,  
Nem menos choro o caso desgraçado.  
O que me dói, que sinto, o que só gemo  
É, piedoso Deus, o meu pecado!  
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo  
Fôr da tua bondade perdoado,  
Pelo cálix amargo que aqui bebo,  
Pela morte cruel que hoje recebo.

## LXXXVII

Mas, grande Deus, que vês nossa fraqueza  
No duro transe desta cruel hora,  
Não sofras que essas feras com crueza  
Hajam de devorar a quem te adora;  
Porque estremece a frágil natureza  
Vendo a gula mortal, que emprende agora.

Sacrifício fazer ao torpe abismo  
Destas carnes tingidas no batismo!"

## LXXXVIII

Ouviu o Céu piedoso a infeliz gente;  
E quando o fero a maça já levanta,  
Que esmague a fronte ao mísero paciente,  
Trovão se ouve fatal, que tudo espanta.  
Treme a montanha e cai a roca ingente  
E na ruína as árvores quebranta;  
Mas o que mais os brutos confundia,  
Era o rumor marcial, que então se ouvia.

## LXXXIX

Pedras, frechas e dardos de arremesso  
Cobriam todo o ar; porque o inimigo,  
Que atrás se pôs de um próximo cabeça,  
Aguarda expressamente aquele artigo.  
De um lado e outro deste um mato espesso  
Ameaça o furor, cerca o perigo;  
E a gente crua, transformada a sorte,  
Quando cuidou matar, padece a morte.

## XC

Era Sergipe, o príncipe valente  
Na esquadra valerosa, que atacava;  
Varão entre os seus bom, manso e prudente,  
Que com justiça os povos comandava.  
Armava o forte chefe de presente  
Contra Gupeva, que cruel reinava

Sobre as aldeias, que em tal tempo havia  
No recôncavo ameno da Bahia.

## XCI

Por tôda a parte o bahiense é preso;  
É trucidado o bruto nigromante;  
Muitos lançados são no fogo aceso,  
Rendem-se os mais ao vencedor possante.  
Ficara em vida, todavia, ileso  
O mísero europeu, que ali em fragrante  
Faz desatar o bom Sergipe, e manda  
À escravidão, no seu país mais branda.

## XCII

Mas a gente infeliz, no sertão vasto,  
Por matos e montanhas dividida,  
É fama que uns de tigres foram pasto,  
Outra parte dos bárbaros comida.  
Nem mais houve notícia ou leve rasto  
Corno houvesse perdido a amada vida;  
Mas há boa suspeita e firme indício,  
Que evadiram o infame sacrifício.

## CANTO II

Diogo, magro e doente, não apetece a aos antropófagos. Sozinho, na praia, pensa no modo de acudir aos companheiros e facilitam-lho a armadura, a espada, a espingarda e a pólvora, que tinha guardado numa gruta.

## IX

Saía assim da gruta, quando o monte  
 Coberto vê de bárbara caterva;  
 E no que infere da turbada frente,  
 Sinais de fuga e de derrota observa.  
 A algum obriga o mêdo a que transmonte,  
 Outros se escondem pelo mato ou erva,  
 Muitos fugindo vêm com mêdo à morte,  
 Crendo achar na caverna um lugar forte.

## X

Mas o prudente Diogo, que entendia  
 Não pouca parte do idioma escuro,  
 Por alguns meses em que atento o ouvia,  
 Elege um posto a combater seguro.  
 Atento a tôda voz que ouvir podia,  
 Por escutar dos seus o caso duro,  
 Entre esperanças e receio intenso,  
 Sem susto estava, sim, porém suspenso.

## XI

Gupeva então, que aos mais se adiantava,  
 Vendo das armas o medonho vulto,  
 Incerto do que vê, suspenso estava,  
 Nem mais se lembra do inimigo insulto  
 — "Algun dos Anhangás — imaginava — <sup>13</sup>

13. Na ed. de 1878 ocorre: **Alguns dos Anhangás imaginava...** O sujeito é, de tôda a evidência, Gupeva, e a frase em sua sintaxe lógica será: **Imaginava que algum dos Anhangás** (demônios) **vinha oculto dentro do grão fantasma** (Diogo revestido de sua armadura).

Que dentro do grão fantasma vinha oculto —,  
 E à vista do espetáculo estupendo,  
 Caiu por terra o mísero, tremendo.

## XII

Caiu com êle, junta, a brutal gente;  
 Nem sabe o que imagine da figura,  
 Vendo-a brandir com a alabarda ingente,  
 E olhando ao morrião, que o transfigura.  
 Ouve-se um rouco tom de voz fremente,  
 Com que espantá-los mais o herói procura;  
 E porque temam de maior ruína,  
 Faz-lhe a voz mais horrenda uma buzina.

## XIII

Entanto a gente bárbara, prostrada,  
 Tão fora de si está, por cobardia,  
 Que sem sentido, estúpida, assombrada,  
 Só mostra viva estar, porque tremia.  
 Quais verdes varas de árvore copada,  
 Se assopra a viração do meio-dia,  
 De uma parte a outra se maneiam,  
 Assim de mêdo os vis no chão perneiam.

## XIV

Mas Diogo, naqueles intervalos,  
 Suspende o furor do duro Marte,

Esperança concebe de amansá-los,  
 Uma vez com terror, outra com arte.  
 A viseira levanta e vai *buscá-los*,  
 Mostrando-se risonho em tôda a parte:  
 — Levantai-vos -- (lhes diz) e, assim dizendo,  
 Ia-os co'a própria mão da terra erguendo.

## XV

Gupeva, que no traje mais distinto  
 Parecia, na turba do seu povo,  
 O principal no marido, meio extinto  
 Pelo horror de espetáculo tão novo,  
 Tremendo, em pé ficou sem voz e instinto.  
 E caíra sem dúvida de novo,  
 Se nos braços Diogo o não tomara  
 E de água ali corrente o borrifara.

## XVI

— "Não temas (disse afável), cobra alento."  
 E suprimindo-lhe acenos o idioma,  
 Dá-lhe a entender que todo êsse armamento  
 Protege amigos, se inimigos doma;  
 Que os não ofende o bélico instrumento,  
 Quando de humana carne algum não coma.  
 — "Que, se a comerdes, tudo em cinza ponho..."  
 E isto dizendo, bate o pé, medonho.

## XVII

"Toma nas mãos (lhe diz), verás que nada  
 Te hão de fazer de mal; e, assim falando,  
 Põe-lhe na mão a partasana e espada  
 E vai-lhe à frente o morrião lançando.  
 Diminui-lhe o horror na alma assombrada  
 E vai-se pouco a pouco recobrando,  
 Até que, a si tornando, reconhece  
 Donde está, com quem fala e o que lhe oferece.

## XVIII

- "Se d'além das montanhas cá te envia <sup>14</sup>  
 O grão Tupá (lhe diz), que em nuvem negra  
 Escurece com sombra o claro dia,  
 E manda o claro Sol, que o mundo alegra;  
 Se vens donde o Sol dorme e se à Bahia  
 De alguma nova lei trazes a regra,  
 Acharás, se gostares, na cabana  
 Mulheres, caça, peixe e carne humana."

14. Montanhas — "Persuadem-se os brasilienses que além das montanhas, que *dividem* o Brasil do Peru, seja o Paraíso." (Nota da ed. de 1878.) O Tupá do verso imediato é normalmente Julgado Deus. Bem diferentemente dos missionários que o elevaram à categoria de divindade suprema, correspondente em poder ao Deus que pregavam, todos os etnógrafos e mitólogos atuais o consideram um gênio ou demônio, a que não se prestava culto nem se dirigia prece. É o demônio da tempestade, porque "Cada viagem sua através do firmamento provoca tempestades. O som do trovão é produzido pela bacia ôca onde ele se assenta, e da qual se serve, à feição de uma canoa quando tem de transpor a extensão do céu." (V. A *Religião dos Tupinambás*, de A. Métraux, trad. e notas do Prof. Estêvão Pinto, pág. 113.) (Vide pág. 63 da presente edição.)

## XIX

— "A carne humana! (replicou Diogo,  
E como pode, explica em voz e aceno)  
Se vir que come algum, botarei fogo,  
Farei que inunde em sangue êsse terreno."  
— "Pois se os bichos nos devem comer logo,  
(O bárbaro lhe põe com desempenho)  
A nós faz-nos horror se êles nos comem,  
E é menos triste que nos trague um homem."

## XX

— "O corpo humano (disse o herói, prudente)  
Como o brutal não é; desde que nasce,  
É morada do espírito eminente,  
Em quem do grão Tupá se imita a lace.  
Sepulta-se na terra, qual semente  
Que, se não apodrece, não renasce.  
Tempo virá que, aos corpos reunida,  
Torne a nossa alma a respirar com vida.

## XXI

O lume da razão condena a empresa;  
Pois, se o infando apetite o gosto adula,  
Para extinguir a humana natureza,  
Sem mais contrários, bastaria a gula.  
Que se a malícia em vós ou se a rudeza

O instinto universal de todo anula,  
É contudo entre os mais coisa temida  
Que outrem, por vos comer, vos tire a vida."

## XXII

Disse Diogo, e conduzia à gruta  
O principal da bárbara caterva,  
Que, ali seguido pela gente bruta,  
O lugar conhecido, atento, observa.  
Gupeva a tudo atende e tudo escuta,  
Mas sempre o horror, que concebeu, conserva;  
E olhando as armas, sem que a mais se arroje,  
Chega com a mão furtiva, apalpa e foge.

## XXIII

Vinha a noite já então seu negro manto  
Despregando na lúcida atmosfera,  
Quando buscam sossego ao seu quebranto  
No ninho as aves e na toca a fera,  
Lí quando o sono, com suave encanto,  
Aos míseros mortais a dor modera;  
Mas não modera em Diogo a mordaz cura<sup>15</sup>  
De amansar o furor da gente dura.

## XXIV

Por dissipar na gruta a sombra fria,  
Toma o férreo o fuzil, que o fogo ateia,

15. Cura — Tem aqui o sentido etimológico de cuidado.

E vendo a rude gente que o acendia  
 E brilhar de improviso um candeia,  
 Notando a pronta luz que no óleo ardia,  
 Não acaba de o crer, de assombro cheia.  
 Crêem portanto que o fogo do céu nasça  
 Ou que Diogo nas mãos nascê-lo faça.

## XXV

Era o costume do selvagem rude  
 Roçar um lenho noutro com tal jeito,  
 Que vinha, por elétrica virtude,  
 A acender o lume, mas com tardo efeito.  
 Mas observando, sem que o lenho ajude,  
 Em menos de um momento o fogo feito,  
 O mesmo imaginou que a Grécia creu,  
 Quando viu ferir fogo a Prometeu.

## XXVI

Acesa a luz na lóbrega caverna,  
 Vê-se o que Diogo ali da nau levava:  
 — Roupas, armas e, em parte mais interna,  
 A pólvora em barris, que transportara.  
 Tudo vão vendo à luz de uma lanterna,  
 Sem que o apeteça a gente nada avara,  
 Ouro e prata, que a inveja não lhe atia,  
 Nação feliz, que ignora o que é cobiça l

Entre os objetos guardados pelos náufragos, fi-  
 gura um retrato da Virgem:

## XXVIII

— "Esta (pergunta o bárbaro) tão bela,  
 Tão linda face, acaso representa  
 Alguma formosíssima donzela,  
 Que esposa o grão Tupá fazer intenta ?  
 Ou porventura que nascesse dela  
 Esse, que sobre os Céus no Sol se assenta ?  
 Quem pode geração saber tão alta ?  
 Mas se há mãe que o gerasse, esta é sem falta.

O *pio lusitano*, encantado pelas adivinhações do  
 selvagem — representante, como vários da galeria de  
 Santa Rita Durão, do *bom selvagem* concebido pelos  
 filósofos, desde Montaigne a Rousseau — catequiza-o  
 e ganha-lhe a dedicação.

## XXXII

Já no purpúreo, trémulo horizonte,  
 Rosas parece que espalhava a aurora,  
 E o Sol que nasce sobre o oposto monte,  
 A bela luz derrama, criadora.  
 Ouvem-se as avezinhas junto a fonte,  
 Saudando a manhã com voz sonora;  
 E os mortais, já do sono desatados,  
 Tornavam novamente aos seus cuidados,

## XXXIII

Quando Gupeva, manso e diferente  
 Do que dantes fôra, na fereza bruta,  
 Convoca a ouvi-lo a multidão fremente,  
 Que à roda estava da profunda gruta.  
 Posto no meio da confusa gente,  
 Que tôda dêle pende e atenta escuta:  
 — "Valentes Paiaiaís (diz desta sorte)<sup>16</sup>  
 Que herdais o brio da prosápia forte:

## XXXIV

Se ontem, do vil Sergipe sorprendidos,  
 Vimos o grão terreiro posto a saco,  
 Fomos cercados, sim, mas não vencidos;  
 Não foi vitória, foi traição de um fraco;  
 Sabia bem, por golpes repetidos,  
 Com quanto esforço na peleja ataco  
 E, como sem traição faria nada,  
 Não tendo eu armas, vêm com mão armada.

## XXXV

Sombra do grão Tatu, de quem me ferve  
 Nestas veias o sangue; de quem trago

16. Paiaiaís. "Nome honorífico em língua brasílica, equivalentes a Nobres ou Senhores. O poeta conforma-se ao costume destas gentes, entre as quais os príncipes fazem longas falas aos seus compatriotas, exortando-os pelos princípios, que aqui se tocam." (Nota da ed. de 1878.)

A invicta geração, que em guerra serve  
 De espanto a todos, de terror, de estrago;  
 Porque a glória a teu nome se conserve  
 E porque a cante da Bahia o lago,  
 Mandas de lá de donde o mundo acaba,  
 Para o nosso socorro êste *Imboaba*.<sup>17</sup>

## XXXVI

Tu lhe mudaste em ferro a carne branda,  
 Tu fazes que na mão se acenda e lhe arda  
 A viva chama, que Tupá nos manda,  
 Tupá que rege o céu, que o mundo guarda.  
 Com êle hei de vencer por qualquer banda,  
 Com êle em campo armado, já me tarda  
 O cobarde inimigo, que a encontrá-lo  
 Vivo, vivo me animo a devorá-lo.

Segue-se a descrição da caçada, em que, para banquetear Diogo, que lhes repreende a antropofagia, serão abatidas as peças destinadas ao festim. O lusitano faz da sua espingarda uso que a todos espanta e aterra:

## XLIV

Estando a turba longe de cuidá-lo,  
 Fica o bárbaro ao golpe estremecido,

17. *Imboaba* — "Voz com que os bárbaros nomeiam os europeus." (Nota da ed. de 1878.)

E cai por terra, no tremendo abalo  
 Da chama, do fracasso e do estampido;  
 Qual do hórrido trovão com raio e estalo  
 Algum junto a quem cai, fica aturdido,  
 Tal Gupeva ficou, crendo formada  
 No arcabuz do Diogo uma trovoad.

## XLV

Tôda em terra prostrada, exclama e grita  
 A turba rude, em mísero desmaio,  
 E faz horror, que estúpida repita  
 — Tupá Caramuru ! -- temendo um raio.  
 Pretendem ter por Deus, quando o permita  
 O que estão vendo em pavoroso ensaio,  
 Entre horríveis trovões do márcio jôgo,  
 Vomitar chamas e abrasar com fogo.

## XLVI

Desde êsse dia, é fama que por nome  
 Do grão Caramuru foi celebrado  
 O forte Diogo; e que, escutado, dome  
 Êste apelido o bárbaro espantado.  
 Indicava o Brasil no sobrenome,  
 Que era um dragão dos mares vomitado:  
 Nem doutra arte entre nós a antiga idade  
 Tem Jove, Apoio e Marte por deidade.<sup>18</sup>

18. O Autor admite, não sem razão, que a mitificação de Diogo Alvares se realizou pelo mesmo processo usado entre os

## XLVII

Foram, qual hoje o rude Americano,  
 O valente Romano, o sábio Argivo;  
 Nem foi de Salmoneu mais torpe o engano,<sup>19</sup>  
 Do que outro rei fizera em Creta altivo.  
 Nós, que zombamos deste povo insano,  
 Se bem cavarmos no solar nativo,  
 Dos antigos heróis dentro às imagens  
 Não acharemos mais que outros selvagens.

## XLVIII

É fácil propensão na brutal gente,  
 Quando em vida ferina admira uma arte,  
 Chamar um fabro o Deus da forja ingente;  
 Dar ao guerreiro a fama de um deus Marte.  
 Ou talvez, por sulfúreo fogo ardente,  
 Tanto Jove se ouviu por tôda a parte,  
 Hércules e Teseus, Jasões no Ponto<sup>20</sup>  
 Seriam coisas tais como as que eu conto.

povos da Antiguidade. Foi Evhémero, filósofo grego do IV século a.C., que interpretou os deuses mitológicos como mitificações de personalidades que por façanhas extraordinárias impressionavam o povo. O evhemerismo é a doutrina expressa por Camões em Os Lusíadas, no Canto IX, estrofe XC. Em que o A. se engana é no significado da palavra Caramuru, pela qual se designa um simples peixe, nada épico, das águas baianas.

19. Salmoneu — "Este príncipe pretendia imitar o raio para espantar os gregos, então bárbaros, e semelhantes aos nossos brasilienses. Tanto se pode crer do rei de Creta, que aqueles insulares chamaram Júpiter." (Nota da ed. de 1878.)

20. Hércules e Teseu foram gigantes mitológicos, a quem Be atribuíram feitos sobre-humanos; Jasão, outro herói da Mitologia, é o que conduziu a nau Argos à conquista do tosão de ouro.



## XLIX

Quanto mereces mais, que, em douta lira,  
 Se cante por herói, quem pio e justo,  
 Onde a cega nação tanto delira,  
 Reduz à humanidade um povo injusto ?  
 Se por herói no mundo só se admira,  
 Quem tirano ganhava um nome augusto,  
 Quanto o será maior que o vil tirano,  
 Quem nas feras infunde um peito humano ?

## L

Tal pensamento então na alma volvia  
 O grão Caramuru, vendo prostrada  
 A rude multidão, que Deus o cria  
 E que espera desta arte achar domada.  
 Política infeliz da idolatria,  
 Donde a antiga cegueira foi causada,  
 Mas Diogo, que abomina o feio insulto,  
 Quando aumenta o terror, recusa o culto.

## LI

— "De Tupá sou (lhe disse) onipotente  
 Humilde escravo e como vós me humilho;  
 Mas do horrendo trovão, que arrojado ardente,  
 Este raio vos mostra que eu sou filho."  
 (Disse e outra vez dispara em continente)

— "Do meio do relâmpago, em que brilho,  
 Abrasarei qualquer, que ainda se atreva  
 A negar a obediência ao grão Gupeva."

Diogo instala-se em aldeia que se improvisa, e é o pretexto para descrição dos costumes da selva, segundo o Pe. Martinière, Osório, Simão de Vasconcelos, Rocha Pita, citados em nota na edição de 1878. Referindo-se às cabanas, diz:

## LIX

Qualquer delas, com mole volumosa,  
 Corre direita em linhas paralelas;  
 E mais comprida aos lados que espaçosa,  
 Não tem paredes ou colunas belas.  
 Um ângulo no cume a faz vistosa,  
 E coberta de palmas amarelas,  
 Sobre árvores se estriba, altas e boas,  
 De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

## LX

Qual o velho Noé na imensa barca,  
 Que a bárbara cabana em tudo imita,  
 Ferozes animais, pródigo, embarca,  
 Onde a turba brutal tranquila habita,  
 Tal o rude tapuia na grande arca;  
 Ali dorme, ali come, ali medita,

Ali se faz humano e, de amor mole,  
Alimenta a mulher e afaga a prole.

## LXI

Dentro da grã choupana, a cada passo  
Pende de lenho a lenho a rêde extensa;  
Ali descanso toma o corpo lasso,  
Ali se esconde a marital licença.  
Repousa a filha no materno abraço  
Em rêde especial, que tem suspensa;  
Nenhum se vê (que é raro) em tal vivenda  
Que a mulher de outrem nem a filha ofenda.

## LXII

Ali chegando a esposa fecundada  
A termo já feliz, nunca se omite  
De pôr na rêde o pai a prole amada,  
Onde o amigo e parente o felicite;  
E como se a mulher sofrera nada,  
Tudo ao pai, reclinado, então se admite.  
Qual fora, tendo sido em modo sério  
Seu próprio e não das mães o puerpério.

## LXIII

Quando na rêde encosta o tenro infante,  
Pinta-o de negro todo e de vermelho;  
Um pequeno arco põe, frecha volante,  
E um bom cutelo ao lado; e, em tom de velho,

Com discurso patético e zelante,  
Vai-lhe inspirando o paternal conselho:  
Seja forte, diz, (como se o ouvisse)  
Que se saiba vingar, que não fugisse.

## LXIV

Dá-lhe depois o nome, que apropriá,  
Por semelhança que ao infante iguala,  
Ou com que o espera célebre algum dia,  
Senão é por defeito que o assinala.  
A algum na frente o nome se imprimia,  
Ou pinta no verniz, que tem por gala,  
E segundo a figura se lhe observa,  
Dão-lhe o nome de fera, fruto ou erva.

## LXV

Trabalha entanto a mãe, sem nova cura,  
Quando o parto conclui; e em tempo breve,  
Sem mais arte que a próspera natura,  
Sente-se lesta e sã, robusta e leve.  
Feliz gente, se unisse com fé pura  
A sóbria educação, que simples teve l  
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,  
Que é, mais que pena ou dor, melindre e mimo.

## LXVI

Vai com o adulto filho à caça ou pesca  
O solícito pai pelo alimento:

O peixe à mulher traz e a carne fresca  
 E à tenra prole a fruta por sustento.  
 A nova provisão sempre refresca  
 E dá nesta fadiga um documento,  
 Que quem nega o sustento a quem deu vida,  
 Quis ser pai, por fazer-se um parricida.

## LXVII

Que, se acontece que a enfermar se venha,  
 Concorre com piedade a turba amiga,  
 E por dar-lhe um remédio, que convenha,  
 Consultam-no entre si com gente antiga;  
 Buscam quem de erva saiba ou cura tenha,  
 Que possa dar alívio ao que periga  
 Ou talvez sangram, numa febre ardente,  
 Servindo de lenceta um fino dente.

## LXVIII

Mas vendo-se o mortal já na agonia,  
 Sem ter para o remédio outra esperança,  
 Estima a bruta gente ação mui pia,  
 Tirar-lhe a vida com a maçã ou lança  
 Se morre o tenro filho, a mãe seria  
 Estimada cruel, quando a criança,  
 Que pouco antes ao mundo dela veio,  
 Não torna ao seu lugar no próprio seio.

## LXIX

Tal era o povo rude

## LXX

Mas eis que um grande número a rodeia  
 De emplumados, feíssimos selvagens;  
 Ouve-se a casa de clamores cheia,  
 Costume antigo seu nas hospedagens.  
 Qualquer chegar-se a Diogo ainda receia,  
 Por ter visto as horríficas passagens;  
*Mas mair ma apadu* de longe explica,  
 E — *Bem vindo o estrangeiro!* — significa.

## LXXI

Por costumado obséquio os mais luzidos  
 Tomam Diogo nos braços; e no peito  
 A frente lhe apertavam, comedidos —  
 Sinal entre êles do hospital respeito.  
 Tiram-lhe em pressa as roupas e vestidos,  
 E, pondo-o sobre a rêde, como um leito,  
 Sem mais dizer-lhe nada e sem ouvi-lo,  
 Tudo se afasta e deixam-no tranquilo.

## LXXII

Com maior cerimónia outra visita  
 Festiva celebrava o seu cortejo;  
 Fêmea turba, que o costume incita

A oferecer-se, honesta, ao seu desejo  
Senta-se sobre os pés e felicita,  
Cobrindo o rosto a mão, como por pejo;  
Vestidas vêm de folhas tão brilhantes,  
Que o que falta ao valor, têm de galantes.

## LXXIII

Parece ser da mesa o dispenseiro  
Um selvagem que o nome lhe pergunta:  
Se tem fome, lhe diz; ou se primeiro  
Queria beber? e logo ajunta,  
Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro  
A comida que trouxe em cópia muita:  
Põe-se-lhe uíçu de peixe e carne crua  
E o mimoso cauim, que é paixão sua.<sup>21</sup>

## LXXIV

Todos com gula comem furiosa,  
Sem olhar, sem falar, nem distrair-se;  
Tanto se absorvem na paixão gulosa,  
Que mal pudera, ao vê-los, distinguir-se  
Se são feras ou homens. Vergonhosa,  
Triste miséria humana, confundir-se  
Um peito racional c'o um bruto feio  
No horrendo vício donde o mal nos veio!

21. Uíçu — "Farinha a que reduzem a carne torrada ou o peixe. Cauim, bebida semelhante à que já dissemos de catim-poeira." (Nota da ed. de 1878.)

## LXXV

Acabada a comida, a turba bruta  
O — *Estrangeiro bem vindo* — outra vez grita;  
E a tropa feminina, que isto escuta,  
Cobre a face com as mãos e o pranto imita.  
Gupeva pois que o hóspede reputa  
Causa do seu prazer e autor da dita,  
O sacro fogo à roda lhe ateava,  
Ceremónia hospital, que o povo usava.

## LXXVI

Bem presumia Diogo, no que explora,  
Que algum mistério se ocultava, interno;  
Lembra-lhe a chama que o Caldeu adora,  
O fogo das Vestais recorda, eterno.  
Nem duvidava que de origem fora  
Costume da nação, rito paterno,  
Trazido, se é possível que se creia,  
Na dispersão das gentes da Caldéia.

## LXXVII

Perguntá-lo dos bárbaros quisera;  
Mas, como o aceno e língua muito engana,  
Acaso soube que à Gupeva viera  
Certa dama gentil brasileira,  
Que em Taparica um dia compreendera  
Boa parte da língua lusitana,

Que português escravo ali tratara,<sup>22</sup>  
De quem a língua, pelo ouvir, tomara.

## LXXVIII

Paraguaçu gentil (tal nome teve),  
Bem diversa de gente tão nojosa,  
De côr tão alva como a branca neve,  
E donde não é neve, era de rosa;  
O nariz natural, bôca mui breve,  
Olhos de bela luz, testa espaçosa;  
De algodão tudo o mais, com manto espesso,  
Quanto honesta encobriu, fêz ver-lhe o preço.

## LXXIX

Um principal das terras do contorno  
A bela americana tem por filha;  
Nobre sem fausto, amável sem adorno,  
Sem gala encanta e sem concerto brilha  
Servia aos Carijós que tinha em torno,  
Mais que de amor, de objeto a maravilha !  
De um desdém tão gentil, que a quem olhava,  
Se mirava imodesto, horror causava.

## LXXX

Foi destinada de seus pais valentes,  
Esposa de Gupeva; mas a dama

22. **Português** escravo — "Ficção poética sobre o verossímil, não sendo difícil que alguns dos portugueses deixados por Cabral ou por outros capitães na costa, para aprender a língua, comunicassem parte dela aos habitantes." (Nota da ed. de 1878.)

Fugia de seus olhos impacientes,  
Nem prenda lhe aceitou, porque o não amava.  
Nada sabem de amor bárbaras gentes,  
Nem arde em peito rude a amante chama;  
Gupeva, que não sente o despeito,  
Tratava-a sem amor, mas com respeito.

## LXXXI

Deseja vê-la o forte lusitano,  
Porque interpreta a língua que entendia,  
E toma por mercê do Céu sob'rano  
Ter como entenda o idioma da Bahia.  
Mas quando êsse prodígio avista, humano,  
Contempla no semblante a louçania,  
Pára um vendo o outro, mudo e quedo,  
Qual junto dum penedo outro penedo.<sup>23</sup>

## LXXXII

Só tu, tutelar anjo, que o acompanhas,  
Sabes quanta virtude ali se arrisca  
E as fúrias da paixão, que acende, estranhas,  
Essa de insano amor doce faísca.  
Ânsias no coração sentiu tamanhas  
(Ânsias que nem na morte o tempo risca)  
Que houvera de perder-se naquel'hora,  
Se não fôra cristão, se herói não fôra.

23. Eis um verso de Camões, cujo poema Santa Rita Durão Patenteara ter manuseado com mão diurna e noturna (Canto V, 56, d'Os Lusíadas.)

## LXXXIII

Mas desde o Céu a santa inteligência  
 Com doce inspiração mitiga a chama,  
 Onde a amante paixão cede à prudência  
 E a razão pode mais, que a ardente flama.  
 Em Deus, na natureza e na consciência  
 Conhece que quer mal quem assim ama,  
 E que fôra sacrílego episódio  
 Chamar à culpa amor, não chamar-lhe ódio.

## LXXXIV

No raio deste heróico pensamento,  
 Entanto, Diogo refletiu consigo,  
 Ser para a língua um cómodo instrumento  
 Do Céu mandado, na donzela amigo.  
 E por ser necessário ao santo intento,  
 Estuda no remédio do perigo:  
 — "Que pode ser? Sou íracó; ela é formosa.  
 Eu livre... ela donzela... Será esposa."

## LXXXV

— "Bela (lhe disse então) gentil menina,  
 (Tornando a si do pasmo, em que estivera)  
 Sorte humana não é, mas é divina,  
 Ver-me a mim, ver-te a ti na nova esfera <sup>24</sup>

24. Por nova esfera se deve entender Novo Mundo.

Ela a frase em que falo, aqui te ensina,  
 Ela, se não me engana o que a alma espera,  
 Um fogo em nós acende, que de resto  
 Eterno haja de arder, se arder honesto.

## LXXXVI

Desde hoje, se a meus olhos corresponde  
 O meigo olhar das lúcidas pupilas,  
 Se amor é. . — porque amor quem é que o esconde? -  
 Se por êle essas lágrimas destilas,  
 Com que chamas meu peito te responde,  
 Com mão de esposa poderás senti-las."  
 Disse; estendendo a mão, ofereceu-lha.  
 Ela, que nada diz, sorriu-se e deu-lha.

## LXXXVII

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixara;  
 E ou de amante ou também de vergonhosa  
 Em tão belo rubor lhe tinge a cara,  
 Como quando entre os lírios nasce a rosa:  
 Três vezes quis falar, três se calara;  
 E ficou do soçobro tão formosa,  
 Quanto êle ficou cego; e em tal porfia,  
 Nem um, nem outro então de si sabia.

## LXXXVIII

Mas refletindo logo o herói prudente,  
 Fixou no coração, com fé segura,

Não cumprir as promessas de presente,  
 Antes que lhe entre na alma a formosura.  
 Rende-lhe o seu amor, mas inocente;  
 E faz-lhe prometer, que com fé pura,  
 Enquanto se não lava e regenera,  
 Em continência viverão sincera.

## LXXXIX

— "E esta fé (lhe diz), esposa em Deus querida,  
 Guardar-te hoje prometo em laço eterno,  
 Até banhar-te na água prometida,  
 Por cândida afeição de amor fraterno.  
 Amor que sobreviva à própria vida,  
 Amor que preso em laço sempiterno,  
 Arda depois da morte em maior chama,  
 Que assim trata de amor quem por Deus ama."

## XC

— "Esposo (a bela diz) teu nome ignoro;  
 Mas não teu coração, que, no meu peito,  
 Desde o momento em que te vi, que o adoro.  
 Não sei se era amor já, se era respeito;  
 Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,  
 Que de dois corações um só foi feito.  
 Quero o batismo teu, quero a tua Igreja;  
 Meu povo seja o teu, teu Deus meu seja.

## XCI

Ter-me-ás, caro, ter-me-ás sempre a teu lado;  
 Vigia tua, se te ocupa o sono;  
 Armada sairei, vendo-te armado;  
 Tão fiel nas prisões como num trono.  
 Outrem não temas, que me seja amado;  
 Tu só serás senhor, tu só meu dono."  
 Tanto lhe diz Diogo, e ambos juraram  
 E, em fé do juramento, as mãos tocaram.

## CANTO III

## I

Já nos confins extremos do horizonte  
 Dourava o Sol no ocaso rubicundo  
 Com túbio raio acima do alto monte,  
 E as sombras caem sobre o vale fundo;  
 Ia morrendo a côr no prado e fonte;  
 E a noite, que voava ao novo mundo,  
 Nas asas traz com viração suave  
 O descanso aos mortais no sono grave.

## II

Só com Gupeva a dama e com Diogo,  
 Gostosa, aos dois de intérprete servia,

E perguntado sobre o sacro fogo,  
 A qual fim se inventara, a que servia,  
 Deu-lhe simples razão Gupeva logo:  
 — "Supre de noite (disse) a luz do dia;  
 E como Tupá ao mundo a luz acende,  
 Tanto fazer-se aos hóspedes emprende.

## III

Se pecado ao mau espírito solevas,  
 Sucede que talvez, cruel, se enoje;  
 E como é pai da noite e autor das trevas,  
 Tanto aborrece a luz, que, em vendo-a, foge.  
 Porém se à luz eterna o peito elevas,  
 Não há fúria do Averno que se arrojê;  
 Talvez por lhe excitar tristes ideias,  
 Das chamas que tiveram por cadeias."

## IV

Admira o pio herói, que assim conheça  
 A nação rude as legiões do Averno;  
 Nem já duvida que do Céu lhe desça  
 Clara luz dum princípio sempiterno.  
 — "Dize-me, hóspede amigo, se professa  
 Êste teu povo, diz, com culto externo  
 Adorar algum Deus ? qual é ? onde ande ?  
 Se seja um Deus somente, ou que outros mande ?"

## V

— "Um Deus (diz) um Tupá, um ser possante<sup>25</sup>  
 Quem poderá negar que reja o mundo,  
 Ou vendo a nuvem fulminar, tonante,  
 Ou vendo enfurecer-se o mar profundo ?  
 Quem enche o céu de tanta luz brilhante ?  
 Quem borda a terra de um matiz fecundo ?  
 E aquela sala azul, vasta, infinita,  
 Se não está lá Tupá, quem é que a habita ?

## VI

A chuva, a neve, o vento, a tempestade  
 Quem a rege ? a quem segue ? ou quem a move ?  
 Quem nos derrama a bela claridade ?  
 Quem tantas trevas sobre o mundo chove ?  
 E êste espírito amante da verdade,  
 Inimigo do mal, que o bem promove,  
 Coisa tão grande, como fôra obrada,  
 Se não lhe dera o Ser que vence o Nada ?<sup>26</sup>

## VII

Quem seja êste grande ente, e qual seu nome,  
 (Feliz quem saber pode) eu cego o ignoro;

25. Um Deus — "É injúria que se faz por alguns autores aos brasillensis, supondo-os sem conhecimento de Deus, lei e rei. Eles têm a voz Tupá com a especial significação de um ente supremo, como sabemos dos missionários e dos peritos dos seus Idiomas." (Nota da ed. de 1878). Vide nota 14, da pág. 39 desta cd.  
 26. O Ser que vence o Nada — É Deus, porque o negou, criando o Universo.



E sem que a empresa de sabê-lo tome,  
Sei que é quem tudo faz e humilde o adoro.  
Nem duvido que os céus e terra dome,  
Quando nas nuvens com terror o exploro,  
Deixando o mortal peito em vil desmaio,  
Ameaçar no trovão, punir no raio.

## VIII

Só pasmo, se nos fêz, como não veio,  
Devendo amar o que obra de mão sua,  
Ao mundo de anhangás, cercado e cheio,  
A livrar o homem dessa besta crua !  
Como é possível que não desse um meio,  
Como que a mente ignorante, enferma e nua  
Tratar com êle possa, quando é claro  
Que o pai não deixa o filho em desamparo ?

## IX

Sinto bem remorder dentro em meu peito  
Lembrança, que me acusa: por mim fica,  
Se mais bem do que faz, me não tem feito,  
Que é néscio quem o ingrato benéfica.  
Outro povo talvez mereça eleito  
A assistência dos céus, de graças rica,  
Nem contra Deus se justifica a queixa,  
Que costuma deixar quem o não deixa.

## X

Mas se do trono celestial e eterno,  
Apesar da malícia, nos visita,

Quem sabe se, por zêlo hoje paterno,  
A nosso bem, mandar-te aqui medita ?  
Pois creio bem que contra o fogo Averno  
Trazes a chama que a do raio imita,  
Ou que vens como luz, de etéreo assento,  
Por levar-nos contigo ao *firmamento*.”

## XI

Pasmava o lusitano da eloquência  
Com tão alto pensar numa alma rude,  
Notando como a eterna sapiência  
A face a todos mostra da virtude.  
E reputava por maior clemência,  
Que a quem, se a fé conhece, ingrato a ilude,  
Negasse Deus a luz, que os outros viam,  
Porque, tendo-a maior, mais cegariam.

Continua o diálogo neste tom, em estrofes em que é maior a cultura do teólogo do que a inspiração do poeta. Surgem aspectos da problemática do tempo:

## XIX

Pasmado Diogo do que atento escuta,  
Não crê que a singular filosofia  
Possa ser da invenção da gente bruta,

Mas a interprete bela lhe advertia  
 Que a antiga tradição, nunca interrupta,  
 Em cantigas que o povo repetia,  
 Desde a idade infantil, todos comprehendem  
 E que dos pais e mães, cantado, o aprendem.

## XX

Que eram pedaços das canções, que entoam <sup>27</sup>  
 As que ouvia a Gupeva (e talvez tudo)  
 Que em poético estilo doces soam  
 Feitas por sábios de sublime estudo.  
 Que alguns entre êles com estro voam,  
 Que, envolvendo-se o harmónico no agudo,  
 Parece que lhe inflama a fantasia  
 Algum nume, se o há, da poesia.

Noutras estrofes se fala das concepções que os selvagens têm do Céu e do Inferno, e se conta a lenda da pregação de S. Tomé em terras americanas.

## LXXX

Outra lei depois desta é fama antiga,  
 Que observada já foi das nossas gentes;  
 Mas ignoramos hoje a que ela obriga,  
 Porque os nossos maiores, pouco crentes,  
 Achando-a de seus vícios inimiga,  
 Recusaram guardá-la, mal contentes:

27. Nem Martinière nem os etnógrafos posteriores encontraram entre os indígenas do Brasil quaisquer canções relativas à religião. É suposição poética do A.

Mas da memória o tempo não acaba,  
 Que pregara Sumé, santo emboaba.<sup>28</sup>

## LXXXI

Homem foi de semblante reverendo,  
 Branco de côr e, como tu, barbado,  
 Que desde donde o Sol nos vem nascendo,  
 De um filho de Tupá vinha mandado;  
 A pé sem afundar (caso estupendo !)  
 Por êsse vasto mar tinha chegado;  
 E na santa doutrina que ensinava,  
 Ao caminho dos Céus todos chamava.

## LXXXII

Com grande mágoa ignora-se o que disse,  
 Mas não se ignora que da santa bôca  
 Um conselho utilíssimo se ouvisse  
 De plantar e moer a mandioca;  
 Que havia de tornar, também predisse,  
 Desde o Céu, a que amigo nos convoca,  
 E na terra ou no Céu que êle estivera,  
 Eu o iria encontrar, se êle não viera.

## LXXXIII

Contam que, quando aos nossos cá pregava,  
 Poder mostrara tal nos elementos,  
 Que às ondas punha lei, se o mar se irava,

28. Foi o Pe. Nóbrega quem primeiro, no século XVI, se referiu à lenda dos vestígios das pegadas de S. Tomé em terra» brasileiras. Emboaba ou imboabá, era, no Brasil, o habitante vindo da Europa.

E de um aceno só domava os ventos.  
Os matos se lhe abriam, quando entrava,  
E os tigres feros, a seus pés atentos,  
Pareciam ouvir, como a outra gente,  
Festejando-o co'a cauda brandamente.

## LXXXIV

As águas donde quer, em rio ou lago,  
Se as chegava a tocar com pé ligeiro,  
Não pareciam de elemento vago,  
Mas pedra dura ou sólido terreiro,  
Só com chamar seu nome, cessa o estrago,  
Se o furacão com hórrido chuveiro,  
Quando na nuvem negra se levanta,  
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

## LXXXV

Porém, negando às pregações o ouvido,  
Vinha o caboclo do sertão mais bruto  
Contra o justo Sumé, de Deus querido,  
A matá-lo e comê-lo, resolutivo.  
Pudera êle fazer, sendo ofendido,  
Que êles colhessem da cegueira o fruto,  
Mas pede só prostrado a Deus que o c'roe  
E que a ignorância aos míseros perdoe.

## LXXXVI

Os feros, pois, na fúria contumazes,  
Tomam as frechas e, bramindo, atiram;  
Mas (quanto pelos teus, Tupá, não fazes !)

Contra quem atirou pelo ar se viram.  
E nem assim se mostram mais capazes  
Dos anúncios de paz que em tanto ouviram.  
Deixa-os Sumé, e um rio aborda cheio,  
E, só com pôr-lhe um pé, partiu-o ao meio.

## LXXXVII

Contam (e a vista faz que o não creia)  
Que, onde as correntes de água arrebatadas,  
Se vão bordando com a branca areia,  
Ficaram de seus pés quatro pegadas;  
Vêm-se claras, patentes, sem que a veia  
As tenha de água no seu ser mudadas;  
E enxerga-se mui bem, sobre os penedos,  
Tôda a forma do pé, com planta e dedos."

## LXXXVIII

Assim Gupeva concluiu dizendo,  
Nem mais tempo ao discurso haver podia,  
Por aviso, que os campos vem batendo  
Turba inimiga, em vasta companhia.  
— Às armas ! — grita — Às armas ! E o céu horrendo,  
Retumbante nas árvores sombrias,  
Fêz que as mães, escutando os murmurinhos,  
Apertassem no peito os seus filhinhos.<sup>29</sup>

## LXXXIX

— "Não te espantes — diz Diogo — não alteres  
A paz dentro às cabanas belicosas;

29. Como se vê, tem o A. presente Os Lusíadas, na descrição  
rta batalha de Aljubarrota.

Enquanto novas certas não souberes,  
 Basta pôr guardas nos confins, forçosas.  
 De noite não te empenhes; se temeres  
 Que te invadam com tropas numerosas,  
 Põe-te na defensiva; e bem que treme,  
 Quem te busca de noite e quem te teme.

## XC

Quanto mais, que o trovão nas mãos preparo  
 Contra teus inimigos neste afogo,  
 — Nem duvides — logo que o disparo,  
 Tudo em chamas não vá, tudo arda em fogo.”  
 Disse, e ao favor saiu de um lugar claro,  
 Disparando o mosquete em márcio jôgo;  
 E enquanto atira, todo o bosque atroa  
 Pelo horror da buzina com que soa.

## XCI

Qual dos monos talvez tropa nojosa,<sup>30</sup>  
 Saiu do int'ior mato em negro bando;  
 E se a frecha um derriba, vai, medrosa,  
 Em fuga pelas árvores, saltando:  
 Tal, ouvindo a buzina pavorosa  
 E o arcabuz com trovão relampagueando,  
 Correm, caem, despenham-se na estima  
 De que o céu todo lhe caía em cima.

30. A estrofe é constituída por uma comparação, cujos termos se separam pelos : do 4.º verso. Como a tropa de macacos, quando pôr vezes (talvez) uma frecha derruba um deles, se põe em fuga, assim os indígenas, ao ouvir a buzina e o arcabuz...

## CANTO IV

## I

Era o invasor noturno um chefe errante,  
 Terror do sertão vasto e da marinha,  
 Príncipe de Caetés, nação possante,  
 Que do grão Jararaca o nome tinha.  
 Êste de Paraguaçu perdido amante,  
 Com ciúmes da donzela ardendo vinha;  
 Ímpeto que à razão, batendo as asas,  
 Apaga o claro lume e acende as brasas.

## II

Dormindo está Paraguaçu formosa,  
 Onde um claro ribeiro à sombra corre;  
 Lânguida está, como ela, a branca rosa,  
 E nas plantas com calma o vigor morre.  
 Mas buscando a frescura deleitosa  
 De um grão maracujá, que ali discorre,  
 Recostava-se a bela sobre um posto,  
 Que, encobrimdo-lhe o mais, descobre o rosto.

## III

Respira tão tranquila, tão serena,  
 E em languor tão suave adormecida,  
 Como, quem livre de temor ou pena,  
 Repousa, dando pausa à doce vida.  
 Ali passar a ardente sesta ordena,  
 O bravo Jararaca, a quem convida  
 A frescura do sítio e sombra amada,  
 E dentro de água a imagem da latada.

## IV

No diáfano reflexo da onda pura  
 Avistou dentro de água buliçosa,  
 Tremulando, a bellissima figura.  
 Pasma, nem crê que imagem tão formosa  
 Seja cópia de humana criatura.  
 E, remirando a face prodigiosa,  
 Olha de um lado e d'outro, e busca, atento,  
 Quem seja original deste portento.

## V

Enquanto tudo explora com cuidado,  
 Vai dar co's olhos na gentil donzela  
 Fica sem uso d'alma arrebatado,  
 Que tôda quanto tem se ocupa em vê-la.  
 Ambos fora de si, desacordado  
 Êle mais, de observar coisa tão bela;  
 Ela, absorta no sono em que pegara,  
 Êle, encantado, a contemplar-lhe a cara.

## VI

Quisera bem falar, mas não acerta,  
 Por mais que dentro em si fazia estudo:  
 Ela de um seu suspiro olhou, desperta;  
 Êle, daquele olhar ficou mais mudo.  
 Levanta-se a donzela mal coberta,  
 Tomando a rama por modesto escudo;  
 Pôs-lhe os olhos então, porém tão fera,  
 Como nunca a beleza ser pudera.

## VII

Voa, não corre pelo denso mato,  
 A buscar na cabana o seu retiro;  
 E indo êle a suspirar, vê que num ato,  
 Em meio ela fugiu do seu suspiro.  
 Nem torna o triste a si, por longo trato,  
 Até que, dando à mágoa algum respiro,  
 Por saber donde habite ou quem seja ela,  
 Seguiu, voando, os passos da donzela.

## VIII

De Taparica um príncipe possante,  
 Que domina e dá nome à fértil ilha,  
 Veio em breve a saber o cego amante  
 Ter nascido a formosa maravilha.  
 Pediu-lha Jararaca, vendo diante,<sup>31</sup>  
 Ao lado de seus pais, a bela filha.  
 Convêm todos; mas ela não consente,  
 Porque a mais a guardava o Céu potente.

## IX

Ardendo, parte o bravo Jararaca  
 De ânsia, de dor, de raiva, de despeito;  
 E quanto encontra, embravecido ataca,  
 Com sombras na razão, fúrias no peito;  
 E vendo a chama, o pai não se aplaca,  
 Por dar-lhe esposo de maior conceito  
 Por consorte Gupeva lhe destina,  
 Com quem no sangue e estado mais confina.

31. Na ed. de 1878 ocorre: **Pediu-lhe Jararaca.** Creio que será **Pediu-lha..**

## X

Logo que por cem bôcas, vaga, a fama  
Do esposo eleito a condição divulga,  
Irado o caeté, raivando, brama;  
Arma todo o sertão, guerra promulga,  
Tudo acendendo em belicosa chama.  
investir por surpresa, astuto, julga,  
Com que a causa da guerra se conclua,  
Ficando Paraguaçu ou morta ou sua.

## XI

Mas, sendo de improviso em terror posto  
E ouvindo do arcabuz a fama e efeito,  
Não permite que o susto assome ao rosto,  
Mas reprime o temor dentro em seu peito.  
Convoca um campo das nações composto,  
Com quem tinha aliança em guerra feito,  
E excitando na plebe a voraz sanha,  
Cobre de legiões tôda a campanha.

## XII

Em seis brigadas da vanguarda armados,  
Trinta mil caetés vinham raivosos,<sup>32</sup>  
Com mil talhos horrendos deformados,  
No nariz, face e bôca monstruosos.  
Cuidava a bruta gente que, espantados  
Todos de vê-los, fugirão medrosos,  
Feios como demónios nos acenos,  
Que certo, se o não são, são pouco menos.

32. Os caetés, gentios da Bahia, tinham fama de ferocíssimos.

## XIII

Da gente fera e do brutal comando  
Capitão Jararaca eleito veio;  
Porque, na catadura e gesto infando,  
Entre outros mil horrendos é o mais feio,  
Que uma horrível figura pelejando,  
É nos seus bravos militar aceio  
E traz entre êles gala de valente,  
Quem só a cara faz fugir a gente.<sup>33</sup>

## XIV

Dez mil a negra côr trazem no aspecto,  
Trinta de escura noite a fronte impura;  
Negreja-lhe na testa um cinto preto,  
Negras as armas são, negra a figura.  
São os feros Margates, em que Alecto  
O Averno pinta sobre a sombra escuro;  
Por timbre nacional cada pessoa  
Rapa no meio do cabelo a c'roa.

## XV

Cupaíba que empunha a ferral maça  
Guia o bruto esquadrão da crua gente;  
Cupaíba, que os míseros que abraça,  
Devora vivos na batalha ardente,  
À roda do pescoço um fio enlaça,  
Onde, quantos come, enfia um dente;  
Cordão que em tantas voltas traz cingido,  
Que é já, mais do que cordão, longo vestido.

33. E' contraída a frase: *Aquele de quem só a cara faz fugir a gente.*

## XVI

Urubu, monstro horrendo e cabeludo,  
 Vinte mil Ovecates, fero, doma;<sup>34</sup>  
 Por tôda a parte lhe encobria tudo,  
 Como terrível figura, a hirsuta coma.  
 Monstro disforme, horrendo, alto e membrudo,  
 Que a imagem do leão, rugindo, toma,  
 Tão feio, tão horrível por extremo,  
 Que é formoso, a par dêle, um Polifemo.

## XVII

Fogem todo o comércio da mais gente;  
 Ou, se se vissem a tratar forçados,  
 Que lhe possam chegar nenhum consente,  
 Se não trinta ou mais passos apartados.  
 Se alguns se chegam mais, por imprudentes,  
 Como leões ou tigres esfaimados,  
 Mordendo, investem os que incautos foram,  
 E a carne crua, crua lhe devoram.

## XVIII

Sambambaia outra turba conduzia,  
 Que as aves no frechar tão certo vexa,  
 Que, nem voando pela etérea via,  
 Lhe erravam tiro da volante frecha.  
 Era de pluma o manto que o cobria;  
 De pluma um cinto, que ao redor se fecha;  
 E até, grudando as plumas pela cara,  
 Nova espécie de monstro excogitara.

34. Outra **nação** indígena, igualmente íeríssima.

## XIX

Seguem-no dez mil Magues, gente dura,  
 Que, em cultivar mandioca exercitada,  
 Não menos útil é na agricultura,  
 Que valente em batalhas com a espada.  
 Tomaram estes, como própria cura,  
 De víveres prover a gente armada  
 Quais torravam o aipi; quem mandiocas;  
 Outros, na cinza, as cândidas pipocas.<sup>35</sup>

## XX

O bom Sergipe, aos mais confederado,  
 Consigo conduziu os Petiguares,  
 Que, havendo pouco dantes triunfado,  
 Têm do dente inimigo amplos colares.<sup>36</sup>  
 Seguem seu nome, em guerras decantado,  
 De gentes valorosas dez milhares,  
 Que, do ferro madeiro usando o estoque,  
 Disparavam com balas o bodoque.<sup>37</sup>

## XXI

Nem tu faltaste ali, grão Pecicava,  
 Guiando o Carijó das áureas terras;  
 Tu que as folhetas do ouro que te ornava,  
 Nas margens do rio desenterras;

35. "Quais. . . quem. . . o mesmo que Uns. outros... Aipi — Raiz de que se faz uma espécie de farinha. Mandioca, outra semelhante. Pipoca chamam o milho que, lançado na cinza quente, rebenta como em flores brancas." (Nota da ed. de 1878.)

36. Na ed. de 1878 ocorre do doente, certamente por engano.  
 37. O bodoque é bola de barro que se atira com besta, mas também a própria besta com que se dispara, com arco de duas cordas.

Torrão que do seu ouro se nomeava,  
 Por criar do mais fino ao pé das serras;  
 Mas que feito, enfim, baixo e mal prezado,  
 O nome teve de *ouro inficionado*.<sup>38</sup>

## XXII

Muitos destes é fama que traziam,  
 Desde alto cerro, que habitavam dantes,  
 Com pedras, que nos beijos embutiam,  
 Formosos e belíssimos diamantes.  
 Outros áureos *topázios* lhe ingeriam;  
 Alguns safiras e rubis flamantes;  
 Pedras que êles desprezam, nós amamos:  
 Nem direi quais de nós nos enganamos.

## XXIII

O feroz Sabará move animoso  
 Dos de *Agirapiranga* seis mil arcos,  
 Homens de peito em armas valeroso,  
 Que de sangue em batalhas nada parcos,  
 Deixaram seu terreno deleitoso,  
 Por matos *densos*, pantanosos charcos,  
 E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,  
 Passaram desde o mar às minas de ouro.

## XXIV

Seguia-se, nas forças tão robusto,  
 Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,

38. Inficionados — "Povo importante de Minas do Mato dentro, chamado assim porque o ouro, aue tinha mui subido, perdeu os *quillates* mais altos, e ficou *chamando-se* ouro inficionado. Assim o soube o poeta dos *antigos* daquela *paróquia*, de que era natural." (Nota da ed. de 1878.)

Um que com fogo, sobre o torpe busto,  
 Dois tigres esculpira, combatendo.  
 Êste é o bravo Tapu, que enche de susto  
 Tudo co'o grão tacape acometendo,<sup>39</sup>  
 E que, mil cutiladas dando espessas,  
 Derriba troncos, braços e cabeças.

## XXV

Debaixo do seu mando, em dez fileiras,  
 Doze mil Itatis formados iam;  
 Surdos, porque, habitando as cachoeiras,  
 Com o grão rumor de água ensurdeciam;  
 Pendem os seus *marraques* por bandeiras<sup>40</sup>  
 De longas hastes, que pelo ar batiam,  
 Suprindo, nos incônditos rumores,  
 O ruído dos bélicos tambores.

## XXVI

Em guerreiras colunas, feroz gente,  
 Que no horror da figura assombra tudo,  
 Trazem por armas uma maça ingente,  
 Tendo de duro *lenho* um forte escudo;  
 Frechas e arco, no braço *armipotente*;  
 Nas mãos, um dardo de pau santo, agudo;  
 Sobre os ombros a rêde, à cinta as cuias,  
 Tal era a imagem dos cruéis Tapuias.

39. Tacape — "Espada de pau-ferro, ou *semelhante*, de que usam os bárbaros." (Nota da ed. tie 1878.)

40. *Marraque* — "É a haste de aue pende um cabaço ou côco cheio de pedras miúdas, que, *sacudindo-o*, fazem rumor. É *insignia* sacerdotal e militar entre estes *bárbaros*." (Nota da ed. de 1878.)



## XXVII

Quarenta mil de côr, todos, vermelha,  
 Conduz ao campo o forte Sapucaia;  
 Dez mil tem furada a longa orelha,  
 São Amazonas de femínea laia.  
 É o amor conjugal que lhe aconselha  
 A descer dos sertões à vasta praia,  
 Por achar-se, nos lances mais temidos,  
 Ao lado, sem temor, dos seus maridos.

## XVIII

Brava matrona de coragem cheia,  
 A quem o márcio jôgo não perturba,  
 Na forma bela, mas, por arte, feia,  
 Vai comandando na femínea turba.  
 Deram-lhe o nome os seus da *Grã Baleia*,  
 Nome que, ouvido, os bárbaros disturba,  
 De namorados uns que a têm por bela,  
 Mas outros, com mais causa por temê-la.

## XXIX

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa,  
 Retumbando com eco a voz horrenda  
 De um grosseiro instrumento, que a arma soa,  
 Com que se enflama entre êles a contenda.  
 E quando o horrível som mais desentoa,  
 Faz que no peito mais furor se acenda.  
 De retorcidos paus são as cornetas;  
 De ossos humanos, frutas e trombetas.

## XXX

Com batalhões a espaços separados,  
 Triplicado cordão se vê composto;  
 E em silêncio admirável ordenados,  
 Ao redor vão do outeiro em meio posto.  
 Costuma um orador falar-lhe a brados,  
 E, ardendo-lhe mil fúrias sobre o rosto,  
 O ar co'a espada furibundo corta,  
 E a combater valente, a turba exorta.

## XXXI

Jararaca, no mando então primeiro,  
 Ao sacro e civil rito presidia,  
 E, no mais alto do sublime outeiro  
 Entre um senado ancião se distinguia.  
 Aos outros na estatura sobranceiro  
 Às costas de um Tapuia, que o trazia,  
 De um lado a outro, majestoso, corre,  
 E com geral silêncio assim discorre:

## XXXII

— “Paiaias generosos, hoje é o dia,  
 Que aos vindouros devemos mais honrado,  
 Em que mostreis que a vossa valentia  
 Não receia o trovão, subjuga o fado.  
 Sabeis que de Gupeva a concórdia  
 Por *Filho do trovão* tem aclamado,  
 Um emboaba que do mar viera,  
 Por um pouco de fogo que acendera.

## XXXIII

Prostrado o vil aos pés desse estrangeiro,  
 Rende as armas com fuga vergonhosa,  
 E corre voz que o adora, lisonjeiro,  
 E até lhe cede com o cetro a esposa.  
 E que pode nascer de êrro grosseiro,  
 Senão que, em companhia numerosa,  
 As nossas gentes o estrangeiro aterre,  
 E que a uns nos devore, outros desterre ?

## XXXIV

Se o sacro ardor que ferve no meu peito,  
 Não me deixa enganar, vereis que um dia  
 (Vivendo êsse impostor) por seu respeito  
 Se encherá de emboabas a Bahia  
 Pagarão os Tupis o insano feito;  
 E vereis, entre a bélica porfia,  
 Tomar-lhe esses estranhos, já vizinhos,  
 Escravas, as mulheres co'os filhinhos.

## XXXV

Vereis as nossas gentes, desterradas,  
 Entre os tigres viver, no sertão fundo,  
 Cativa a plebe, as tabas arrombadas,  
 Levando, para além do mar profundo,  
 Nossos filhos e filhas desgraçadas;  
 Ou, quando as deixem cá, no nosso mundo,  
 Poderemos sofrer, Paiaias bravos,  
 Ver filhos, mães e pais feitos escravos ?

## XXXVI

Mas teme o seu trovão: e tanto oprime  
 O mêdo àquele vil, que não pondera  
 Que por êsse trovão, que não reprime,  
 Há de ver cheia de trovões a esfera.  
 Que grande mal será, se o raio imprime ?  
 Se o mundo por um raio se perdera,  
 Susto pudera ter, cobrar espanto;  
 Porém morre de mêdo, que é outro tanto.

## XXXVII

Eu só, eu próprio, no geral desmaio,  
 Ao relâmpago irei, sem mais socorro;  
 E quando êle dispare o falso raio,  
 Ou descubro a impostura, ou forte morro.  
 Será de nigromância um torpe ensaio,  
 Com que o astuto pretende, ao que discorro,  
 Fazer que a nossa tropa desfaleça,  
 Antes que a causa do terror conheça.

## XXXVIII

Que se fôr (que o não creio) o estrondo infando  
 Do sublime Tupá triste ameaça,  
 Fará como costuma, tropejando,  
 Que, matando um ou outro a mais não passa.  
 Se eu vir que o raio horrível vai vibrando,  
 A um homem como eu, nada embaraça:  
 Se fôr mortal quem causa tanto abalo,  
 Por meio ao próprio raio irei matá-lo.

## XXXIX

Su, valentes ! Su, bravos companheiros !  
 Tomai coragem ! que será no extremo ?  
 Embora seja um raio verdadeiro,  
 Se não é Deus que o lança, eu nada temo.  
 Seja quem quer que fôr o autor primeiro,  
 Como não seja o Criador Supremo,  
 Não há forças criadas que nos domem:  
 Que, sobre tudo o mais, domina o homem."

Segue-se a luta, em que Paraguaçu toma parte heróica e corre perigo, que Diogo a tempo conjura.

## LXXXIII

Enquanto entrava o bárbaro, e na luta  
 Um e outro se abraça, o forte Diogo,  
 Que o caso da sua bela, infausto, escuta,  
 Toma a espingarda e parte em fúria logo,  
 Qual pólvora encerrada dentro à gruta,  
 Quando na oculta mina se deu fogo,  
 Arroja penha e monte e o que tem diante,  
 Tal se envia em furor o aflito amante.

## LXXXIV

Tinha afogado Pessicavá entanto  
 A amazona infeliz, e a mão lançava  
 Já de Paraguaçu, que, no quebranto,  
 Apenas levemente respirava.  
 E eis que, inventando Diogo um novo espanto,  
 Traz um tambor que horrisono soava;

E logo que o arcabuz com bala atira,  
 Cai Pessicavá e morde o chão com ira.

## LXXXV

Mas não espera a tímida manada,  
 Ouvindo o estrondo e os hórridos efeitos:  
 Quem parte logo, em fúria declarada;  
 E quem lhe rende humilde os seus respeitos,  
 Paraguaçu, porém, desassombrada,  
 Sendo os contrários com terror desfeitos,  
 Acordou num suspiro c solta viu-se;  
 E conhecendo Diogo, olhou-o e riu-se.

## CANTO V

Diogo e Paraguaçu, depois da batalha, dialogam sobre a maldade humana e as razões por que Deus a permite, e neste diálogo continua o teólogo-poeta uma obra em que, ao patriotismo épico, se mistura o proselitismo religioso. Segue-se a destruição pelo lusitano das canoas com que Jararaca o pretende aniquilar junto da ilha de Itaparica, depois do qual combate todo o gentio lhe fica sujeito.

## CANTO VI

Os chefes indígenas oferecem as filhas a Diogo Álvares, para se honrar com o seu parentesco. O lusitano aceita o parentesco, mas não as donzelas, por casta fidelidade a Paraguaçu. Interna-se pelo campo e descobre a maravilhosa lapa, com dimensões e forma de templo, mas sem imagens, nêle vendo um símbolo da disponibilidade dos indígenas para a aceitação da Fé Ca-

tólica, em que cumpria doutriná-los. Depois de socorrer a tripulação duma nau espanhola naufragada, tomado por saudades da Europa, embarca numa nau francesa com Paraguaçu. Ocorre então o mais conhecido episódio do poema:

## XXXVI

É fama então que a multidão formosa  
Das damas que Diogo pretendiam,  
Vendo avançar-se a nau na via undosa,  
E que a esperança de o alcançar perdiam,  
Entre as ondas com ânsia furiosa  
Nadando o esposo pelo mar seguiam,  
E nem tanta água, que flutua vaga,  
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

## XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa  
Corre a ver o espetáculo, assombrada;  
E ignorando a ocasião da estranha empresa,  
Pasma da turba feminil, que nada.  
Uma que às mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bela, do que irada;  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha à nau se apega ao leme.

## XXXVIII

— "Bárbaro (a bela diz:) tigre e não homem..  
Porém o tigre, por cruel que brame,  
Acha forças amor, que enfim o domem;  
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.  
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,

Como não consumis aquele infame ?  
Mas pagar tanto amor com tédio e asco. . .  
Ah! que corisco és tu... raio... penhasco!

## XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,  
Quando eu a fé rendia ao teu engano;  
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,  
Que é favor, dado a tempo, um desengano.  
Porém, deixando o coração cativo,  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, traidor, e desta sorte  
Paga meu fino amor tão crua morte?

## XL

Tão dura ingratidão menos sentira  
E êsse fado cruel doce me fôra,  
Se o meu despeito triunfar não vira  
Essa indigna, essa infame, essa traidora.  
Por serva, por escrava, te seguira.  
Se não temera de chamar senhora  
A vil Paraguaçu, que, sem que o creia,  
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

## XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,  
Flutuar, moribunda, entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um aí somente, com que aos meus respondas.  
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir) ah! não te escondas

Dispara sobre mim teu cruel raio. . .”  
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

## XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pálida a côr, o aspecto moribundo;  
Com mão já sem vigor, soltando o leme,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo.  
Mas na onda do mar, que, irado, freme,  
Tornando a aparecer desde o profundo,  
— Ah ! Diogo cruel ! — disse com mágoa, —  
E sem mais vista ser, sorveu-se na água.

## XLIII

Choraram da Bahia as ninfas belas,  
Que nadando a Moema acompanhavam;  
E vendo que sem dor navegavam delas,  
À branca praia com furor tornavam.  
Nem pode o claro herói sem pena vê-las,  
Com tantas provas, que de amor lhe davam;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,  
Sem que amante a chore, ou grato gema.

O resto do canto é ocupado pela exposição, ao comandante francês da nau — Du Plessis — da história do descobrimento e geografia do Brasil.

## CANTO VII

Chegam à França, e são recebidos na corte, onde Paraguaçu é batizada, sendo-lhe dado o nome da própria Rainha -- Catarina de Medicis, mulher de

Henrique II, que de volta lhe serve de madrinha. Diogo faz, perante a corte, a minuciosa descrição da flora e fauna do Brasil que conhece.

## CANTO VIII

Henrique II propõe a Diogo Álvares, por intermédio de Du Plessis, que *erga os lises no país buscado*, prometendo-lhe:

Terás da França auxílio e tropa imensa,  
E, maior que o serviço, a recompensa

E sugere o novo processo de assimilação do indígena do Ultramar, chamando-o à França, em vez de a êle enviar vassallos da Europa.

## IV

Que se o empenho te ocupa, generoso,  
De amansar do gentio a mente ímpia,  
Trazendo a França um povo numeroso,  
Melhor se amansará na companhia.  
Que engano fôra à Europa pernicioso,  
Quando colónias derramando envia,  
Extinguir sem remédio a infeliz gente,  
E despovoar-se com a tropa ausente.

## V

Desta arte Roma o império seu fazia,  
Que, as colónias pelo orbe derramando,  
Do país conquistado outras unia,  
Com que ia a falta própria reparando.  
Num século, que o bárbaro vivia,

Na grã Roma, romano ia ficando,  
E neste arbítrio de pensar profundo,  
Foi mundo Roma, e foi romano o mundo.

O Caramuru recusa-se à proposta e ao plano:

. . não posso convir no exposto rôgo,  
Sendo fiel ao rei português sendo,  
Quando o luso monarca julgou certo  
Senhor de quanto deixou descoberto.

E parte para o Brasil. Como durante a viagem de ida referiu Diogo a história anterior do Brasil, agora, no regresso, profetiza Catarina a história futura da Pátria, depois do sonho que lha revelou. Descreve a Bahia, a terra e as povoações, os engenhos, a fortaleza, o templo. Fala dos seus governadores. Conta a luta sustentada contra os franceses de Villegaignon (no poema *Villagalthon*) e os indígenas tamoios, aliados dos franceses, de que destacaremos dois episódios.

É o primeiro a batalha em que Mem de Sá ataca os franceses no seu forte, na enseada de Niterói:

## XXXIII

Mendo de Sá, que adverte no perigo  
Três naus que em guerra cuidadoso armara,  
Com oito de comércio tem consigo,  
Além das que em socorro convocara;  
E por ter força igual às do inimigo,  
Sobre longas canoas, que ajuntara,

Guia contra os Tamoios prepotentes,  
Do bravo Carijó turmas valentes.

## XXXIV

*Nhighe-teroi* se chama a vasta enseada,  
Que estreita bôca, como barra, encerra,  
Fechando em vasto pôrto a grande armada  
Um lago que, em redondo, cinge a terra.  
Vê-se ilha penhascosa sobre a entrada,  
Com fortaleza que, disposta em guerra,  
Por bôca dos canhões rumor fazendo,  
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

## XXXV

Era a ilha de rochas guarnecidas,  
Que em torno tem por natural muralha,  
Donde a força das balas rebatida,  
Faz inútil dos lusos a batalha.  
Três dias foi dos nossos combatida,  
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,  
Até que, fatigado o invicto Mendo,  
Invade à escala vista o forte horrendo.

## XXXVI

Entre as frechas e balas destemido  
Na penha o Português, trepando, salta,  
E deixando o Francês esmorecido,  
Degola, mata, fere, invade e assalta.  
Nem do antigo valor cede esquecido  
O Francês animoso, até que, falta  
De sangue a brava gente, na contenda,  
Faz a perda e cansaço que a ilha renda.

## XXXVII

Nem mais demora teve o invicto Mendo  
 Ao ver a gente adversa dissipada,  
 E, a excelsa fortaleza desfazendo,  
 A costa visitou na forte armada.  
 E tudo ao nome seu sujeito havendo,  
 À Bahia tornou, que, iluminada,  
 Entre o som do clarim e alegre trompa,  
 Em triunfo Mendo recebeu com pompa.

O segundo episódio é a vitória de Estácio de Sá  
 contra as mesmas forças de franceses e tamoios, os últi-  
 mos dos quais haviam desembarcado no Pão de Açúcar.

## XLIX

Vêem-se entre as penhas formidáveis bocas  
 De canhões e mosquetes trovejando,  
 E nas quebradas, espantosas rocas  
 Do bárbaro Tamoio o imenso bando.  
 Muitos ali das ásperas barrocas  
 Vão os nossos fuzis precipitando,  
 Outros da rota penha, em meio às gretas,  
 Cobriam contra nós todo o ar de setas.

## L

Não cessava o rebelde belicoso  
 Com vivo fogo o assalto rebatendo,  
 Enquanto sobe o Luso valeroso,  
 Trepando, em fúria, no penedo horrendo.  
 Quem, no meio do impulso impetuoso,

Cai na ruína o próximo envolvendo;  
 Quem, ferido da frecha ou veloz bala,  
 Do mais alto da penha ao mar resvala.

## LI

Todo o penhasco em fogo se fundia,  
 Enquanto o mar, em roda, em chamas ferve,  
 Entre fracasso e fumo que saía,  
 De nada o ouvido vale e a vista serve.  
 A terra tôda em roda estremecia;  
 E sem que a água do incêndio se preserve,  
 Parecia ferver do fogo insano,  
 Escondendo, a cabeça o Padre Oceano.

## LII

Qual do Vesúvio a bôca pavorosa,  
 Quando rios de fogo ao mar derrama,  
 Arroja ao ar com fúria impetuosa  
 Parte do vasto monte envolta em chama;  
 A cinza cobre o céu caliginosa,  
 Muge o chão, treme a terra, o pego brama,  
 E o mortal, espantado e tremebundo,  
 Crê que o céu caia e que se funda o mundo.

## LIII

Tal Vilagalhon, na penha dura,  
 Do horrífico trovão freme a tormenta,  
 E a chama, entre a fumaça horrenda e escura  
 Do infernal lago as furnas representa.  
 Porém, do próprio fumo na espessura,  
 A pontaria, que o rebelde intenta,

Evita o português, que ataca, incerto,  
A escala vista e a peito descoberto.

## LIV

E já no grão penedo tremulavam  
As lusas quinas pelo forte Estácio,  
E as lises do penhasco se arrancavam,  
Donde a Vilagalhon se ergue um palácio.  
Pela roca os Tamoios se arrojavam,  
E o valor luso, dando inveja ao Lácio,  
A guarnição francesa investe à espada,  
E obriga, em duro choque, à retirada.

São submetidos os Tamoios. No

## CANTO IX

conta-se a luta contra os holandeses, terminada pela restauração de Pernambuco. A sucessão dos episódios, a galeria dos heróis, tudo é descrito em perfeita aderência à realidade histórica, nesta *crônica rimada*, mas eloquente.

## CANTO X

A visão profética de Catarina termina pela da Virgem, e dela destacaremos estas estrofes:

## VII

Da bôca formosíssima pendente  
Pasma em silêncio todo o Céu profundo:

Bôca, um *Fiat* pronunciou, potente,<sup>41</sup>  
Com mais efeito que criasse um mundo.  
Odorífero cheiro em todo o ambiente  
Do lábio se espalhava, rubicundo:  
Fragância celestial, que, amante e pia,  
No Filho com mil ósculos bebia.

## VIII

Todos suspendem em pasmo respeitoso  
O amável, formosíssimo semblante;  
E mais nêle se ostenta, poderoso,  
O soberano autor do Céu brilhante;  
Pois quanto tem o Empírio de formoso,  
Quanto a angélica luz de rutilante,  
Quanto dos serafins o ardente incêndio,  
De tudo aquele rosto era um compêndio.

## IX

Nas brancas mãos, que, angélicas, se estendem,  
Um desmaiado azul, nas veias tinto,  
Faz parecer aos olhos, quando atendem,  
Alabastros com fundos de jacinto.  
Ambas, com doce abraço, ao seio prendem  
Formosura maior, que aqui não pinto,  
Porque para pincel me não bastara,  
Quanto Deus já criou, quanto criara.

## X

Mas, se não se dedigna o verbo santo,  
Por nosso amor, de um símbolo rasteiro,

41. *Fiat* — forma do verbo latino *fieri*, com significado de *Faça-se*. É a palavra com que na Bíblia se exprime a vontade de Deus, na criação da luz: *Fiat lux*.



Dentro parece do virgínio manto,  
 Pascendo em brancos lírios um cordeiro.  
 Os olhos com suavíssimo quebranto  
 Lhe ocupa um doce sono lisonjeiro;  
 À roda os serafins, que o estrondo impedem,  
 Para o não despertar silêncio pedem.

Em conformidade com a história, vem ao encontro da nau que transporta o casal luso-brasileiro uma caravela de Carlos V, agradecer ao herói o socorro por êle dado aos naufragos espanhóis. Conta-se a história de Pereira Coutinho, que, para a sujeição dos campos da Bahia e povoamento do seu Recôncavo, se aliou aos tupinambás. O casal é investido na realeza desta nação, mas transfere-a para D. João III, representado na cerimónia, que se realizou na Casa da Torre, pelo primeiro Governador Geral, Tomé de Sousa. Este manda cessar a guerra no sertão, castigar os homicidas, proibir a antropofagia. E termina o poema por estas duas estrofes, a primeira das quais resume o teor da ação expansionista, como sempre a conceberam os que melhor representaram a espiritualidade portuguesa.

## LXXVI

Que o indígena seja ali empregado,  
 E que à sombra das leis tranquilo esteja;  
 Que viva em liberdade conservado,  
 Sem que oprimido dos colonos seja;  
 Que às expensas do rei seja educado  
 O neófito, que abraça a Santa Igreja,

E que na santa empresa ao missionário  
 Subministre subsídio o régio erário.

## LXXVII

Por fim, publica do monarca reto,  
 Em favor de Diogo e Catarina,  
 Um real, honorífico decreto,  
 Que ao seu merecimento honras destina;  
 E em recompensa do leal afeto,  
 Com que a Coroa a dama lhe consina,  
 Manda honrar, na colónia lusitana,  
 Diogo Álvares Correia, de Viana.

## BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

---

*Josephi Duran Theologi Conimbricensis O.E.G.O. pro annua studiorum instauratione Oratio* (Coimbra, 1778).

*Descrição da Fundação do Emperador de Eiras, Que se Costuma Fazer Todos os Anos em o Mosteiro de Cellas, Perto de Coimbra. Dia do Espirito Santo, em Verso Macarrônico*, pelo Rev. Pe. Mestre Fr. José de Santa Rita Durão.

*Caramuru* (Lisboa, 1781).

## BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

---

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN — *O Caramuru Perante a História*, Rio de Janeiro, 1846; transcrito pela *Revista Trimestral de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.º 10, 2.º trimestre de 1848, Rio de Janeiro. É também de Varnhagen a *Biografia* que precede a 1.ª edição brasileira do poema, de 1878, Rio de Janeiro.

COSTA E SILVA — *Ensaio Biográfico e Crítico Sobre os Melhores Poetas Portugueses* (vol. 6, Lisboa, 1853)

TEÓFILO BRAGA — *História da Literatura Portuguesa — Arcádia Brasileira*.

ARTUR VIEGAS (pseudónimo do Pe. Antunes Vieira S. J.) — *O Poeta Santa Rita Durão (Revelações Históricas da Sua Vida e do Seu Século)*, Bruxelas, 1914.

MENDES DOS REMÉDIOS — "Alguma Coisa de Novo Sobre Santa Rita Durão", na *Revista da Língua Portuguesa*, n. 6, Rio de Janeiro, 1920.

Ocupam-se de Durão todas as Histórias de Literatura de Portugal ou Brasil, não citadas no "Julgamento Crítico"

*O Caramuru* teve tradução francesa, publicada em Paris, em 1829: — *Caramuru, ou la Découverte de Bahia, roman-poème brésilien*, par Joseph de Santa Rita Durão. É anónima a tradução, assim como o Prefácio, em que largamente se transcreve Ferdinand Denis.

## JULGAMENTO CRÍTICO

De ALMEIDA GARRETT:

"... O autor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto, mas de leve o fez; só se estendeu em os menos poéticos objetivos; e daí esfriou muito do grande interesse que a novidade do assunto e a variedade das cenas prometiam. Notarei, por exemplo, o episódio de Moema, que é um dos mais gabados, para a demonstração do que assevero. Que belíssimas coisas da situação da amante brasileira, da do herói, do lugar, do tempo não pudera tirar o Autor, se de tão leves não houvera desenhado este, assim como outros painéis? O estilo é ainda por vezes afetado: lá surdem, aqui e ali, seus gongorismos; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, há oitavas belíssimas e ainda sublimes."

(*Bosquejo de História da Literatura Portuguesa*, 1826.)

De FERNANDO WOLF:

"... O talento de Durão não reside na composição, mas nos pormenores, nas descrições, nos episódios, à que teve de recorrer para seguir o caminho da epopeia de reflexão e preencher dez cantos de muitas centenas de oitavas. Admira-se o seu domínio da língua, a surpreendente beleza e harmonia da versificação e a maneira como conduz os episódios. Alguns deles se tornaram célebres. Citemos as descrições das tribos selvagens, que, excitadas por Jararaca, rival de Diogo Alvares, surpreendem os Tupinambás; depois, a pintura dos seus combates e, sobretudo, o discurso de Jararaca aos seus guerreiros, antes da batalha, digno dos índios, tão grandes amadores de eloquência; enfim, a morte de Moema, rival de Pa-

## JULGAMENTO CRÍTICO — 101

raguaçu, que, quando Diogo Álvares com esta se embarcou para a Europa, seguiu a nau a nado com muitas outras mulheres, dadas a Diogo, segundo o uso indiano, e cujo amor as ondas não apagaram. São estes rasgos da vida e dos costumes indianos, que preenchem a maior parte do poema, que mais o tornam interessante e original. E melhor o teria logrado, se Durão [...] os tivesse ingenuamente tratado e não tivesse tantas vezes atribuído aos índios sentimentos e ideias que não podem ter."

(Tradução do *Brazil Littéraire. Histoire de la Littérature Brésilienne*, 1863.)

De FRANCISCO SOTERO DOS REIS:

"O *Caramuru* deve ser reputado um dos melhores, não obstante os seus defeitos; com efeito, assim me parece, ou se atenda ao mérito intrínseco do poema, que não é inferior ao dos outros da sua categoria, ou sobretudo à circunstância de ser dos que melhor preenche o fim, pela côr local que o poeta soube dar aos seus quadros, muitos dos quais são eminentemente poéticos."

(*Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, 1867.)

De CAMILO CASTELO BRANCO:

"O episódio de Moema é um formoso trecho, que não basta a difundir calor nas restantes frialdades do poema, duramente metrificado, e a miúdo inçado de reminiscências gongóricas, e versos de ruim prosa."

(*Curso de Literatura Portuguesa*, 1876.)

De SÍLVIO ROMERO:

"O valor do *Caramuru*, como produto nacional, está em ser uma espécie de resumo da vida histórica do Brasil, nos três séculos em que fomos colônia, está em fazer assistir à fundação da nossa antiga cidade, a velha capital, e acompanhar o crescimento da Nação até quase os nossos dias, tudo como um fenómeno natural, como produto do solo e das três raças. Por

êste lado, o quadro, por exemplo, de nossas antigas províncias é excelente, como é a descrição de nossas riquezas naturais, como é a narração da luta contra os holandeses. O poema tem, além disso, belos espécimes de poesia. O episódio de Moema é deste género. O autor tem altas e boas ideias. Ele canta *Portugal renascido no Brasil*, mas canta também o povo do *Brasil convulso*."

(*História da Literatura Brasileira*, 1889.)

De JOSÉ VERÍSSIMO:

"Santa Rita Durão, porém, apenas tinha boas intenções, mal servido por um medíocre talento poético. Génio como se revela em Basílio da Gama, não houve nêle nenhum (..) Nada prova melhor a indigência do seu pensamento, só igual à pobreza da sua imaginação, que em um poema em dez cantos e de mais de oitocentas estrofes, apenas deixou que mereçam ser citadas como uma inspiração feliz, os versos de Moema, alguns deles, ainda assim, menos perfeitos. "

(*Estudos de Literatura Brasileira*, 1901.)

De FIDELINO DE FIGUEIREDO:

"A simples comparação das duas epopeias, (*Uruguai e Caramuru*) que os brasileiros prezam vivamente como fatores da sua nacionalização literária, oferece um contraste bem vivo: às liberdades do *Uruguai* opõe o *Caramuru* uma estreita fidelidade às poéticas clássicas. O poema de Santa Rita Durão é mesmo um dos derradeiros elos de vulto da seguinte cadeia de imitações camonianas. No que Durão sobrepõe ao Gama é na confissão do seu nativismo; o *Caramuru* é esteticamente mais europeu, mas nos sentimentos que o animam é mais ousadamente americanófilo. A sua ação tem outro relevo e outro interesse; também a parte lendária dela é muito grande, porque a erudição brasileira demonstrou que é improvável quando não manifestamente falsa grande porção da aventureira biografia de Diogo Álvares Correia.

É talvez essa colaboração lendária que lhe dá maior tom épico."

(*História da Literatura Clássica*, 1922.)

De RONALD DE CARVALHO:

"O poeta do *Caramuru* era mestre na descritiva, sabia movimentar as multidões e ordenar admiravelmente os impulsos da imaginação. Possuía para isso, aliás, um sólido conhecimento e grande prática dos poetas gregos e latinos. Neste particular, ainda sobrepõe a Basílio, que era mais elegante na dicção, porém menos puro na língua. O canto VII do *Caramuru* é um dos mais significativos "da maneira" de Santa Rita Durão. A enumeração das nossas riquezas naturais [ ] revela admiravelmente o seu capricho de pintar com exatidão e alguma eloquência os primores da natureza."

(*Pequena História da Literatura Brasileira*, 1925.)

De ARTUR DA MOTA.

"Enquadra-se melhor na categoria de poema nacional, por evocar as tradições incipientes do país e comover em grau mais intenso as classes sociais da Nação. A epopeia de Durão alia à emotividade patriótica, realçada pelo vigor de descrições naturalísticas, o sentimento de religiosidade, de que se acha repassado nos dez cantos. Outra função explícita do poema consiste em haver sido, juntamente com o *Uruguai*, o elemento precursor e orientador do indianismo romântico de Magalhães e Gonçalves Dias."

(*História da Literatura Brasileira*, 1930.)

De ANTÓNIO SOARES AMORA:

"O poema despertou interesse sobretudo pelo pitoresco indígena e pela tese (sentido ecuménico do imperialismo português, caráter piedoso dos heróis da colonização, o exigente sentido da lealdade ao Rei, na gente portuguesa), foi considerado por José Agostinho de Macedo (seu discípulo e intransigente crítico de

Camões, autor do *Oriente*, 1811) o melhor modelo clássico da épica portuguesa — mas a verdade é que, exigentemente fiel aos preceitos estéticos do neo-classicismo, não teve o sentido renovador do *Uruguai*, e daí não ter sido tão estimado pelo Romantismo." (*História da Literatura Brasileira*, 1955.)

De WALTENSIR DURÃO:

"Composto fielmente segundo o modelo camonian, o poema não difere dos numerosos poemas do século XVIII senão pelo exotismo do argumento [...]. Se os costumes indígenas e a realidade do índio tiveram em Durão um narrador mais exato e minucioso do que em Basílio, esse realismo limitou-se à parte descritiva, pois os nativos que aparecem como personagens, influenciando na ação, são inautênticos, estilizados, agindo como europeus vestidos de penas." (*A Literatura no Brasil* — direção de Afrânio Coutinho, vol. I, tomo I, 1956.)

BIBLIOTECA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
MUSEU DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

## QUESTIONÁRIO

1. Quais as características que considera mais salientes no poema *Caramuru*? Que relações acha entre elas e a vida e cultura do Autor?
2. Afirma-se que o *Caramuru* imita Os *Lusíadas*. Acha ou não admissível este juízo crítico? Fundamente a sua resposta.
3. Em que consiste o maravilhoso do poema? Qual a sua função nêle, e a que propósito ocorrem as alusões mitológicas que nêle se encontram? Confrontando-o com o maravilhoso mitológico d'Os *Lusíadas*, a que lhe parece dever atribuir a sua redução no *Caramuru*?
4. Qual a explicação de Santa Rita Durão sobre os mitos da Idade Clássica? Como a justifica? Lembra-se do modo como Camões explica os mitos?
5. Qual o conceito do herói explícito e implícito no poema de Durão? É o mesmo que o do poema camoniano?
6. Adere o Autor à teoria do bom selvagem? Como retrata êle os seus heróis indígenas?
7. Que pensa da imaginação poética do Autor? Da imaginação revelada na estrutura do poema, tanto como da que se patenteia nas virtudes expressivas da sua dicção?
8. Retrato dos heróis do poema — Diogo Álvares e Paraguaçu. Como os julga quanto à verdade psicológica e quanto à beleza literária?
9. O proselitismo católico de Fr. José, no poema. Em que passos e como o realiza?
10. A fidelidade à Metrópole e o sentimento de brasilidade no autor do *Caramuru*, em confronto com os expressos no *Uruguai*, de Basílio da Gama.
11. O indianismo no *Caramuru*. Expressará um acordar do sentimento de amor pátrio, ou será mero re-

flexo da cultura do tempo, como nas composições que ao Brasil consagrou António Dinis da Cruz e Silva, que não era brasileiro?

12. Exemplifique no poema a capacidade de Durão para as descrições pictóricas, plásticas ou de movimento. Tente analisá-las.

13. Que pensa da estrutura do poema, quanto ao seu grau de unidade e processos de a conseguir?

14. Que episódio ou episódios lhe parecem melhor revelar o grau de talento poético do Autor? Analise os valores estéticos com que justifica a sua resposta.

15. Que pensa da estrutura das estrofes ou da versificação do poema?

## ÍNDICE

DADOS BIOGRÁFICOS . . . . .	4
APRESENTAÇÃO:	
Situação Histórica . . . . .	5
Estudo Crítico . . . . .	8
ANTOLOGIA:	
Canto I . . . . .	17
Canto II . . . . .	35
Canto III . . . . .	61
Canto IV . . . . .	71
Canto V . . . . .	85
Canto VI . . . . .	85
Canto VII . . . . .	88
Canto VIII . . . . .	89
Canto IX . . . . .	94
Canto X . . . . .	94
BIBLIOGRAFIA DO AUTOR . . . . .	98
BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR . . . . .	99
JULGAMENTO CRÍTICO . . . . .	100
QUESTIONÁRIO . . . . .	105

